



3 1761 06561954 6

BRIEF

DPB

0020485

A Lenda

de Sagres

J. Tomé da Silva

Formado em Filologia Germânica pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, ex-Pensionista do Estado na Inglaterra e na Alemanha e Professor efectivo da cadeira do 3.º grupo do Liceu Central Alexandre Herculano, no Porto.

PREFACIADO PELO

Dr. Teófilo Braga.



TIP. PORTO-GRÁFICO
Rua dos Bragas, 156 — PORTO

Brief
DPB
20485

Obras do mesmo autor

Cinzas

Verdades Amargas

Dois dias em Viana

Geomorfologia — 1.º vol.

Geomorfologia — 2.º vol.

Lutero como pedagogo.

1000 5
12
1914



J. Tomé da Silva

Handwritten text in cursive script, likely a letter or note, partially obscured by the portrait and caption.

À Academia de Sciências
de Portugal

O autor.

DPB

0020485

A. V.

...


... ..

A minha esposa

O glücklich, wer ein Herz gefunden,
Das nur in Liebe denkt und sinnt,
Und, mit der Liebe treu verbunden,
Sein schönres Leben erst beginnt!

(Hoffmann von Fallersleben).

Viana-do-Castelo
Junho de 1914.



Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

A Lenda Infantista

Carta ao Prof. J. Tomé da Silva

A apreciação da actividade e influencia do Infante D. Henrique acha-se viciada pela omissão da epoca primordial das Navegações portuguezas, authenticada pelas emprezas de D. Affonso IV em 1336, até á tomada de Ceuta em 1415, continuando-se até á morte de D. João I, em 1433. É então que começa o periodo intermediario do Infante D. Henrique, que se caracteriza por exploração de concessões regias e mercantilismo utilitario até aos lucros da escravatura. Depois da sua morte em 1460 é que esplende a grande epoca em que se prepararam todos os elementos scientificos, que conduziram pela acção de D. João II aos assombrosos Descobrimentos, que vieram a coincidir com o reinado imprevisto do venturoso D. Manuel, que systemáticamente procurou obliterar

a memoria do seu antecessor. Desconhecida essa epoca inicial das navegações portuguezas, (1336 a 1433) e apagado esse centro das grandes applicações scientificas, (1481 a 1495), essa rapida transição de 1438 a 1460 e preenchida pelo Infante D. Henrique, que exerceu uma absorvente acção impondo-se ao poder real, obtendo do rei D. Duarte e Infante D. Pedro, seus irmãos, e de seu sobrinho D. Affonso v, concessões, privilegios e dominios, desviando a corrente das emprezas maritimas do seu espirito generoso e heroico para o mercantilismo immediato. A bajulação de contemporaneos, como a do chronista palatino Gomes Eanes de Azurara, na Cronica da Conquista da Guiné, attribuindo todas as iniciativas a D. Henrique, e a falsa lenda Colombina, ofuscando os constantes esforços scientificamente preparados e realisados por D. João II, é que fizeram formar-se a fantastica lenda dos Infantistas, tornando D. Henrique o Navegador, o apogeu sobrehumano dos Descobrimentos dos Portuguezes.

Os escritores inglezes deram universalidade á lenda, porque a actividade maritima dos portuguezes derivava-se do atavismo saxonio comunicando o genio nautico ao Infante D. Henrique por sua mãe a ingleza D. Filippa de Lencastre, filha de João de Gant. Sente-se o orgulho bri-

tânico nestas palavras de Beckford ao visitar o mosteiro da Batalha: "Henrique, a quem o seu paiz é devedor dos triumphantes descobrimentos maritimos, resultado das suas perseverantes investigações scientificas no seu socegoado isolamento,,. (Excursão a Alcobaça e Batalha, p. 40.) Como os inglezes, também os alemães procuraram attribuir os descobrimentos portuguezes á iniciativa germanica, suprimindo a Junta dos Matemáticos de D. João II, e glorificando o mercador de Neuremberg, Martin de Behaim, a que deu curso Oliveira Martins.

Como desfazer esse erro historico da Lenda Infantista, que chegou a impor-se dogmaticamente? Luciano Cordeiro, em umas observações á conferencia de Oldham sobre a Descoberta pré-Colombina da America, aponta o verdadeiro metodo critico, pela investigação "constante e serena do movimento das Explorações marítimas iniciadas pelos Portuguezes, não apenas como se costuma pensar e dizer, sob a direcção do grande Infante D. Henrique, mas desde que Portugal começa a constituir uma nação e um estado historicamente distinto na longa costa ocidental mais avançada da Europa.

Já Henri Schæffer, na sua bela Historia de Portugal, acusa-nos de termos deixado esquecer

as origens da nossa actividade maritima, que foi a principal razão da nossa nacionalidade, conservando-se apenas alguma referencia casual dos chronistas ou phrases em diplomas dirigidos com diverso intuito, as quaes fundamentam investigações cujos resultados revelam quantos successos gloriosos ficaram no esquecimento.

A nomeação de Nuno Fernandes Cogominho para Almirante maior, no reinado de D. Diniz, em 1314, prova que estava organizada a Marinha portugueza; este mesmo Cogominho era chanceler do Infante D. Affonso, que nos começos do seu reinado encetou a Descoberta do Archipelago das Canarias.

Era obrigatorio o contracto de 20 marinheiros genovezes, o que explica a presença de navegadores italianos em Portugal. Dois documentos preciosos appareceram, um no seculo xvii e outro no seculo xix authenticando a empreza de D. Affonso iv, no descobrimento das Canarias, em 1336-1340. É o primeiro uma Carta de D. Affonso iv, de 12 de Fevereiro de 1345, ao papa Clemente vi, respondendo a uma outra em que lhe annunciava que tinha creado D. Luiz de Lacerda Principe das Canarias, "para a occupação das Ilhas Afortunadas e para plantar a vinha dilecta de Deus. Dom Affonso iv protesta contra o acto descricionario do papa: "Respon-

dendo pois á dita carta, diremos reverentemente, que os nossos naturaes foram os primeiros que acharam as mencionadas Ilhas.

“E nós, atendendo a que as referidas Ilhas estavam mais perto de nós de que de qualquer outro principe, e a que nós podiamos mais commodamente subjugar-lhes, dirigimos para ali os olhos do nosso entendimento, e desejando pôr em execução o nosso intento, mandámos lá as nossas gentes e algumas náos para explorar a qualidade da terra, as quaes abordando ás ditas Ilhas se apoderaram por força de homens, animais, outras coisas e as trouxeram com grande prazer aos nossos Reinos. Porem quando cuidavamos em mandar uma Armada para conquistar as referidas Ilhas, com grande numero de cavaleiros e peões, impediu o nosso intento a guerra que se ateou primeiro entre nós e El-Rei de Castela, e depois entre nós e os reis sarracenos, que terminou pela victoria. Tudo isto por ser notorio, estamos certos que se não ocultará a V. Sant.ª e tomando-o em consideração os nossos embaixadores, que ha pouco enviaramos., Manifesta o aggravo que lhe fez o papa assignando a provisão d’essas Ilhas, e termina:

“Considerando que não só pela visinhança com as sobreditas Ilhas como pela commodidade e oportunidade que temos sobre todos os ou-

tros para as conquistar e tambem por termos já nós e as nossas gentes começado felizmente esta empreza, *deveriamos ser convidados por V. Sant^e com preferencia a qualquer outro para louvavelmente concluir ou ao menos pedia a razão, que isto nos fosse communicado por V. Sant^e .,.*

Esta extraordinaria pagina historica, em que D. Affonso iv manifesta como a guerra com Alfonso xi de Castella, seu genro, e depois a guerra de 1340, que terminou pela famosa victoria do Salado, pelo que teve de interromper a occupação definitiva das Canarias, foi transcripta pelo Cardeal Baronio da Bibliotheca do Vaticano e publicada nos seus Annaes Ecclesiasticos pelo seu continuador Odorico Raynaldo, nos fins do século xvii. D'esta collecção e que a transcreveu e traduziu em parte o académico Joaquim José da Costa Macedo, communicando-a á Academia Real das Sciencias em 14 de junho de 1816, e publicando-a em uma Memoria em 1821. Esta extraordinaria Carta de D. Affonso iv ao Papa acha-se comprovada por uma relação encontrada por Sebastião Ciampi na Bibliotheca de Florença em 1827, na qual se descreve a expedição portugueza de 1 de Julho de 1341, composta de trez náos que sahiram de Lisboa sob a direcção do genovezes

Niccolau de Recchi e de florentino Angelo del Teggio de Corbanzi; e uma carta de um mercador da Florença estabelecido em Sevilha e datada de 15 de Novembro de 1341, descrevendo esta expedição, em que visitaram treze a quatorze ilhas, costumes, linguagem e vida dos habitantes, tendo trazido um indigena para Lisboa. Costa Macedo escreveu uma segunda Memoria sobre este precioso documento em 1835. (J. Bensaude, Astronom. naut., p. 97). Contudo o vice-almirante Quintella, nos Annaes da Marinha Portugueza, ainda punha duvidas aos descobrimentos do D. Affonso IV, desconhecendo a publicação do documento descoberto por Sebastião Ciamp (1827-1835).

No reinado de D. Affonso IV (1326-1357), segundo refere o vice Almirante Quintella (Ann. 1, 22) o porto de Tavira tinha 70 navios destinados á pesca, e outros para a navegação do mar alto; pela sua situação mais fácil para a exploração da costa de Africa e do Atlantico, estes maritimos de Tavira constituiram-se em Parcerias para a exploração das costas da Guiné, como refere Azurara dos maritimos de Lagos. Estas Parcerias tinham um Compromisso, e organisaram suas confrarias ou irmandades de assistencia, com os titulos de Nossa Senhora da Boa Viagem, Nosso Senhor dos

Mareantes, da *Senhora da Guia*. À medida que se aventuravam ao largo, careciam do auxilio da bussula e do modo de conhecer pelo sol a latitude.

Correu por toda a parte a fama do Judeu das Brussulas (bussolas); era o celebre judeu Cresqui le jeba, o autor do *Atlas catalão de 1375 e dos Mapas de 1381 e 1394*, hoje identificado com Mestre Jacome de Malhorca, ou oficialmente Jacome Ribes, nome que tomou sendo forçado a converter-se á igreja. Em uma das perseguições religiosas Jacome Ribes ausentou-se de Malhorca em 1410; é n'esta ausencia que se fixa a sua viagem a Portugal convidado para ensinar a formação das Cartas e conhecimento dos rumos!

Seguindo Duarte Pacheco e João de Barros, esta tradição do Mestre Jacome de Malhorca é encabeçada no Infante D. Henrique, como tendo-o chamado para vir ensinar a Cartographia. A tradição só pode ser verdadeira em relação a D. João 1, depois da tomada de Ceuta em 1415; com relação a D. Henrique é chronologicamente impossivel. Prova-se que Cresqui le jeba (Jacome Ribes ou Jaques de Malhorca) é o auctor do *Atlas Catalão de 1375*; uma obra de tal saber só poderia ser feito por homem de longos estudos, com uns quarenta anos; teria

então nascido por 1335, e a vir ao convite de D. João I a Lisboa conta 84 anos. Mas a actividade marítima do Infante D. Henrique só começou em 1438 depois da morte do rei D. Duarte; e n'esse caso, Mestre Jacome de Malhorca teria então 104 anos; já não estava em estado de vir a Portugal ao convite do Infante D. Henrique. O mathematico Garção Stockler, no seu Ensaio histórico da Mathematica em Portugal, fixa a data da vinda de Juques de Malhorca em 1438 e o Dr. Mees observa que não sabe donde Stockler colheu tal data; bem se explica por que em 1438 é que começara a actividade marítima do Infante, sendo então desconhecidos os dados biographicos do Cosmographo de Malhorca. O convite de D. João I explica o conhecimento do Archipelago da Madeira antes de 1419 e o seu descobrimento sem a intervenção do Infante; e antes do seu nascimento em 1394 já no Atlas de 1375 eram apontados Porto Santo e Insula de Legname, e no Mappa Mediceo de 1351.

Para formar a Lenda marítima do Infante D. Henrique, serviu-se Azurara do velho horoscopo do astrologo judaico, mostrando pela rhetorica phantastica, que "de natural influêcia este honrado Principe se inclinava a estas cousas; trabalhos de conquistas altas e fortes, es-

pecialmente de buscar as cousas que eram cubertas aos outros homens e secretas; e todos os seus tratos e conquistas serem lealmente feitos.,,

Quaes as provas historicas?

Aries, na casa de Marte, que estava em Aquario, na Casa de Saturno e acompanhado do Sol.

Eis os fundamentos do chronista, que escrevia em 1450, declarando a este tempo que a Villa do Infante em Sagres estava por formar-se.

Como a Chronica da Guiné esteve inedita até meados do seculo XIX, a Lenda infantista não teve desenvolvimento; mas João de Barros, obtendo cadernos avulsos de Affonso Cerveira, que Azurara plagiara e, desconhecendo a chronica inedita, fez tambem o seu plagio.

A Década I de João de Barros tambem esteve inedita até 1553 e por isso a lenda Infantista ahi contida não influiu no criterio do grande mathematico Pedro Nunes nem na idealisação heroica de Camões.

No Tratado de Defensam das Cartas de marear, Pedro Nunes considerando a pericia dos nossos navegadores, teve uma excelente occasião para memorar o Infante D. Henrique, se houvesse exercido alguma acção sobre os descobrimentos; escreve elle:

"Ora, manifesto he que estes descobrimentos de costas, ilhas e terras firmes, não se fizeram indo a acertar; mas partiram os nossos navegantes muy ensinados e providos de instrumentos e regras de Astrologia e Geometria, que eram cousas de que os Cosmographos honde andar apercebidos... Levaram cartas muy particularmente rumadas e já não as que os antigos usavam, que não tinham mais figuras dos que doze ventos e navegavam sem agulha..."

O Dr. Pedro Nunes não desconhecia a importancia da Junta dos Mathemáticos de D. João II e o uso geral do Almanach Perpetuum de Abrahão Zacuto, e escrevia já sem a influencia de D. Manuel, que repellia tudo quanto provinha de D. João II; como homem de sciencia, não lhe seria indifferente qualquer indicio da Eschola Cosmographica de Sagres, sendo elle de Alcacer do Sal.

O Dr. Antonio Ribeiro dos Santos, que estudou os mathematicos e cosmographos portuguezes, foi o primeiro que estranhou em Camões, no poema em que tanto glorifica os heroicos Navegadores, não consagrar a acção maritima nos Lusíadas, do Infante Dom Henrique.

É porque o poeta, no mesmo caso do doutor Pedro Nunes, não conhecia factos positivos das iniciativas de D. Henrique, com que fazer a

apotheose do alto Infante; a Decada de Barros foi publicada depois de ter embarcado Camões em abril de 1553, tendo começado o primeiro Canto dos Lusíadas após a leitura da Historia do Descobrimento da India, por Castanheda.

João de Barros, que por simples plagio dos cadernos de Affonso Cerveira gratificou D. Henrique do prestígio das Navegações, desvenda o movel da sua actividade, no Capitulo 2.º da Decada 1; vendo pela conquista de Ceuta que ficavam sob a Corôa de Portugal os reinos de Fez e Marrocos, nada podia conquistar para si "assentou de mudar de conquista para outras partes mais remotas da Hespanha e os meritos do seu trabalho ficassem na Ordem de Christo, que elle governava e de cujo thezouro podia dispor,,.

Servindo este ideal de conquista e não de empresas maritimas, como Mestre da Ordem de Christo para se manter fora da soberania real, confinou-se nas terras pertencentes ao Mestrado no gozo dos seus direitos magestáticos.

É o que significa a sua passagem do Tejo para Sagres, no Algarve, lugar sem agua, sem recursos para as noticias das navegações e para armar quaesquer expedições.

Segundo a informação da Chronica de Azu-

rara, de 1450, ainda não estava fundada a povoação, apenas com muros; Cadamosto que visitara o Infante (1454) nada diz donde se infira Eschola de estudos nauticos, e Diogo Gomes de Cintra, que o visitou já na sua doença (1460) também não dá um vislumbre da pretendida Academia, que no seculo XVIII e XIX sonharam Ribeiro dos Santos, Garção Stockler, Visconde de Santarem, Silva Lopes, e todos os mais que ainda fallam da Eschola de Sagres por bocca de ganso.

Em 1868 o escriptor inglez Major publicou a Vida do Infante D. Henrique, tomando como documento historico do descobrimento da Ilha da Madeira a narrativa novellesca de D. Francisco Manuel de Mello, na Epanaphora amorosa; assim pela lenda ingleza de Machim e Ana de Arfet, ligava ao prestigio britanico esse descobrimento.

No mesmo espirito escreveu a sua monographia sobre o Infante, para patentear nos seus feitos o impulso do atavismo inglez. Sobre este ponto escreveu Ramalho Ortigão, no Centenario do Infante em 1894: "Não conheço heroi de tão grande fama, cuja historia exacta seja em realidade tam obscura.

"Os contemporaneos pouco falaram d'elle (Camões) tão prodigos em distribuir as corôus

da immortalidade litteraria a todos os que por algum modo ennobreceram a sua patria, quasi que não dá attenção áquelle que mais tarde se chamou o fundador da Eschola de Sagres.

“Para explicar pela acção da hereditariedade a superior organização d’este principe, evoca-se em geral a influencia do character inglez transfundido pelo sangue materno aos filhos de Dom João 1.

“O sangue de Lencastre não podia ter na constituição molecular da dynastia de Aviz senão uma influencia morbida ; porque a familia de D. Filippa era uma familia degenerada. O pae, que vivia escandalosamente no mesmo lar com a sua mulher e sua amante, que elle raptara ao marido, e de que fizera a preceptora de sua filha, era evidentemente um desequilibrado. O irmão Henrique vi era epileptico. A avó, preza e encarcerada por seu filho, vivia em descarado concubinato com Mortimer, seu amante. Temerosa ascendencia, perante a qual me parece ha menos razões para attribuir á influencia genetica de D. Filippa as virtudes do seu filho, do que os germens de loucura que assignalam alguns dos seus descendentes.”

O Dr. João Teixeira Soares, que tanto estudou as Navegações portuguezas, chegando á negação da lenda Infantista, accentuou us taras

da degenerescencia hereditaria do Infante D. Henrique:

"Aquelle principe não foi mais do que um ambicioso utilitario sem a sciencia nem o alcance geographico que lhe attribuem. Na familia foi um Caim. A virilidade e a nobreza de espirito não a tinha por ser um quasi eunucho. A adopção do sobrinho para filho (que infamia!) pelo modo como depois falseou este acto.

"A entrega que fez do irmão em Tanger, depois de o arrastar ali, não se comenta! O seu comportamento com o Infante D. Pedro e com os filhos é sem igual!,,

E dos estudos sobre a Chronica da Guiné e da Decada 1 de Barros (que suscitavam temerosas conclusões) levaram o Dr. João Teixeira Soares a estas phrases: "O Infante D. Henrique vale pouco na Historia dos Descobrimentos. E' penoso o mister que o critico tem de exercer sobre este máo principe, mas ha-de exercel-o um dia e ha-de ser tanto inexoravel quanto mais tarde vier.,, Na correspondencia d'este erudito açoriano com outro alto espirito, o Dr. Ernesto do Canto, e trocada em 1877 e 1878, apontou elle alguns dos aspectos da figura historica do Navegador: "o que eu queria que me exhibissem era um unico documento, um unico, anterior á morte de Dom João 1, (1433)

em que se provasse que o Infante D. Henrique tinha tido a menor idea de viagens e descobrimentos maritimos! Parece que era já tempo de fazer calar a lisonja e apparecer a historia irrefragavel, que nos diz: que a actividade maritima dos portuguezes já estava desenvolvida e fixada antes d'elle pelas explorações no Atlantico septemtrional e descoberta dos seus Archipelagos.

"Este principe não fez mais do que aproveitar esta actividade, dando-lhe uma nova direcção mais positiva e menos generosa, que elle soube monopolisar em seu proveito e da Ordem de que era Mestre.

"Foi um empresario egoista n'este theatro da nossa actividade, nada mais. E note-se, que o foi, depois da morte do pae, de quem nada obteve, e só do irmão, cujo filho adoptou., (Carta de 20 de outubro de 1877).

"Nada teve com navegações, descobrimentos maritimos e coloniaes da Madeira, senão depois da morte de seu pae, que parece comprehendeu melhor do que os irmãos o pessimo character de fllho. Comtudo, quanto arredados do que levado não estão os que tem feito a historia deste principe! Os doze annos de esforços para passar o Cabo Bojadôr, fôram apenas um recurso rhetorico da lisonja, que um discurso do proprio

Azurara patenteou! Pois, o que se tem dito 'da Villa de Sagres?... A verdadeira Sagres onde está? Quando e para que fim foi fundada? Aquelle principe não foi mais que um ambicioso utilitario... Aproveitou a sciencia e actiuidade maritima dos portuguezes, já assaz firmada, para simples reconhecimento da continuação de um bocado de Costa africana, desviando o genio maritimo da nação para um campo utilitario, estabelecendo a escravidão africana e convertendo tudo em monopolio proprio. Na Madeira só continuou a colonisação fundada pelo pae, alterando profundamente o systema benefico d'aquelle, e convertendo tudo em seu proveito, creando os dizimos, etc . . . (1)

A doação que fez á Universidade de Lisboa em 1431 de um prédio para assentar os Estudos menores (as Sete Artes liberaes) foi para corresponder á sua eleição de Protector da Universidade, o que só competia á realeza; e determinou "que a doação se abra em pedra e que se ponha sobre a porta,,.

Quando em 1894 se celebrou o Centenario do Infante D. Henrique já se achava publicado o seu testamento, e no artigo commemorativo de 4 de Março apontavam o facto de elle insti-

(1) Carta de 25 d'Abril de 1878.

tuir uma cadeira de Theologia, quando se o tivesse animado o espirito dos Descobrimentos seria uma cadeira de Cosmographia.

Por occasião d'esse festival publicou Bruno (José Sampaio) um trecho do capitulo XI da Chronica da Conquista da Guiné, em que Azurara representa o Infante assistindo á partilha dos escravos em Lagos, estando a cavallo, sendo commoventemente descripto pelo chronista, que Ferdinand Denis traduziu em francez.

Ramalho Ortigão remata o seu artigo:

“Dos filhos que provieram d'este abençoado consorcio, honesto, prosaico, felicissimo — é precisamente o Infante D. Henrique — aquelle que menos sympathia me inspira. O povo não lhe consagrou nenhuma das suas carinhosas e poeticas lendas, em que a sua imaginação envolve a memoria d'aquelles que amou.”

Theophilo Braga.

Dr. Ernesto do Canto publicou por occasião da morte do Dr. João Teixeira Soares, em 1882, preciosos extractos d'esta correspondencia, no valioso Archivo dos Açores, vol. IV, pag. 16 a 19. Isto prova o valor scientifico das investigações d'aquelle penetrante espirito.

Divagando

A HISTÓRIA evoluciona. Um pergaminho que apareça, um monumento que se descubra e uma inscrição que se soletre são factores suficientes para apurar a verdade dum facto ou lançar por terra uma lenda.

A história nunca está completamente feita. Podemos tomá-la como o escultor toma a pedra informe, para paciente e vagarosamente a irmos desbastando, abrindo linhas, soltando pregas e rasgando feições. Assim faz o escultor.

Mas êste termina a sua obra, olha-a, mira-a, contempla-a, dá-lhe vida, infunde-lhe um pensamento, traduz-lhe uma idea e ao som da última malhetada diz: — Ei-la!

Já outro tanto não pode fazer o historiador; estuda o facto, prescuta-o, analisa-o, esquadrinha-lhe, aqui e alê, as causas e as consequências, mas todos os dias pode aparecer um novo documento que lhe altere a história, que lha mude e até que lha rasgue.

A sua obra talvez nunca esteja completa... E quantas vezes succede que todo êsse monumento levantado vagarosamente, anos após anos, com materiais carreados, quem sabe?, talvez de regiões distantes, com o esforço titânico de muitos obreiros, precisa ser demolido para se lhe alterar a forma, adicionando-lhe uma nova parte e excluindo-lhe outras!

E o historiador, êsse Job dos tempos modernos, lá volta ao montão das ruínas para escolher as melhores peças e reconstruir com elas, paulatinamente, a obra que tem na mente.

É por isso que a história não é sómente a descrição dum facto, mas, sim, o estudo afinçado de tudo que o precedeu e seguiu, de todos os seus liames, de todas as suas afinidades. O facto histórico deu-se uma vez, mas não se repetiu; o físico e o químico podem fazer passar ante si a cada momento os fenómenos que mais lhes preocupam a mente, ou mais lhes torturam o espírito, para os desvendar e explicar.

Porêm, o mesmo não acontece com os fenómenos sociais; não os podemos repetir, não lhes podemos atribuir leis certas e determinadas para cada momento, para os diferentes países e para as várias psicologias.

Podemos apresentar leis gerais, como bases, mas sem nos aventurarmos a assegurar consequências.

Á opressão corresponde a reacção; mas como se reage?

Não o podemos predizer.

Aristófanes com a tragédia grega reagiu contra as fôrças superiores; era a luta do individualismo contra a sociedade; o pro-

testantismo é o produto do deboche e da opressão papal; a deusa Razão ocupou os altares e o sangue dos franceses regou copiosamente as ruas de Paris, como reacção às scenas do baixo império; essa página negra, que no século xx enluta a história do nosso país, foi escrita com as lágrimas dos aflitos e com as perseguições dos que aspiravam a ver raiar uma nova aurora de liberdade.

É sempre assim

Não se pode pois marcar limites ao fluxo e refluxo social.

A história emenda-se, refaz-se e valoriza-se tanto quanto se pode, mas isto é obra de séculos e de gerações.

O século XIX representa uma nova "étape,, para a história; ela renova-se e êste remoçar histórico vem de mãos dadas com o remoçar literário, com o romantismo. Aparece a escola romântica com o seu carácter altamente analítico, o qual influíu de um modo verdadeiramente assombroso, na evolução e nos trabalhos históricos. "A mestra da vida,, como que acalentada por

um melhor seio e bafejada por um mais benéfico sôpro, sente em si novas fôrças que a transfiguram.

A crítica histórica por um lado e o romantismo por outro encetam uma nova corrente de ideas e distinguem-nos os factos, os indivíduos, as épocas e as regiões.

Assim se mudou a face da história, que se tornou, então, um género literário e científico diverso daquele usado até à Revolução Francesa e em que se apreciavam só as ingentes figuras e os grandes feitos.

A igualdade e a fraternidade levantam o seu pendão de paz e amor e unem num amplexo formidável todo o género humano.

Já o plebeu merece as atenções do historiador; já a minúcia e a crítica histórica descem até aos pequenos factos, que muitas vezes nos dão a razão da existência dos grandes.

É o leão da fábula que pede o auxílio da doninha!

A própria literatura toma uma nova direcção e as peças semi-olímpicas das côrtes

dos "Luises,, desaparecem e cedem o seu lugar ao gargalhar estrondoso dos "Molières,,.

Bem sei que o 1789 derramou muito sangue e trucidou muito justo, mas também irradiou luz a jorros. A Europa lucrou com a Revolução, pois ela abriu e marcou uma nova época em todos os campos sociais.

É a revindicação da Razão e do Povo!

A plebe, êsse elemento que trabalha e sofre, que produz e geme e que é o princípio de toda a riqueza, de toda a liberdade e de toda a soberania, conquista à força de sangue derramado os Direitos que lhe pertenciam por Direito.

É uma nova aurora que doira o horizonte!

A história tinha chegado a um ponto em que cristalizou; já não havia historiadores e a história agonizava.

A pouca vida que lhe restava era-lhe, artificialmente, conservada pela repetição do que as velhas e balofas crónicas continham; os ricos e pródigos reis, que pagavam extravagantemente a narração dos seus

feitos de envolta com uma enorme percentagem de mentira e lisonja, iam escasseando e aqueles que ainda existiam preferiam de mui melhor grado gastar o seu oiro no sensualismo físico do que em ouvir soprar ante si a tuba da pseudo-fama. Era um novo caminho que a degenerescência trilhava...

Faltando, pois, essa fonte de munificência régia, conseqüentemente, também faltavam os louvaminheiros áulicos e cronistas.

É então que o romantismo, qual Cristo do evangelho, vai arrancar a história de junto do túmulo, bafeja-lhe a fronte, estende-lhe a mão e exclama-lhe:

Surge et ambula!

*

* *

Marco Polo, arrepiando caminho através das inóspitas paragens asiáticas, vivendo com os povos orientais, e, de certo modo, dominando-os, apresenta-se-nos naquele século como o protótipo do arrêjo e audácia

humanas. Empreendedor, valente, nervoso por temperamento, audacioso por psicologia, parecendo, como meridional que era, sentir nas suas veias o fervilhar das cataractas do Niagara, concebeu e realizou uma das mais árduas emprêsas mundiais. De volta ao céu de anil da Itália, cheio de glória, e carregado de riquezas, pede a um seu companheiro de cárcere que lhe escreva as "Memórias," relativas ao tempo que peregrinou para além das terras de Preste João. São tão assombrosas, tão extraordinárias essas narrativas, que a razão humana nega-se a aceitá-las.

Contudo, a geografia com elas lucrou e o mesmo diremos do comércio que encontrou nas terras do levante um belo centro de actividade. Elas foram como que o aperitivo para um lauto festim.

Mas a crítica histórica já hoje colocou aquelas narrações nos seus verdadeiros limites, aproveitando o que lá havia de são e lançando por terra êsse montão de fantasias que tão luxuriantemente viçaram nas idades passadas.

Era o roble frondoso que, ferido pelo raio, se despenhava no fundo do vale...

O que diremos, também, de Fernám Mendes Pinto a quem a posteridade deu o nome de Fernám: Mentos? Minto! pelas ultra-pasmosas narrativas por êle descritas, quando da sua estada no vulcânico Nipon?

Pois é assim que se refaz a história, expurgando-a de erros, limpando-a de lendas, retocando-a e tratando-a com o amor com que o zoólogo e o botânico tratam o fóssil encontrado lá no fundo do abismo.

Se não fôsse a crítica histórica que seria da história da Idade-Média? envenenar-nos-íamos com ela como o viandante a quem a noite surpreendeu na margem de mefítico lago, obrigando-o aí a pernoitar.

A lenda lá tem um lugar próprio no "Folk-lore," nacional, como monumento literário, se é digna disso, mas nunca nas páginas da história como monumento desta espécie.

Herculano, combatendo o pseudo-milagre de Ourique, não cumpriu mais do que um duplo dever --patriótico e histórico. Não

há dúvida que a reacção, que sempre representa a conservação de tudo que roce pelo celeste, rugiu, pois empenhava-se em conservar em a nossa Bíblia nacional um embuste mais.

Mas o severo historiador, que acima de tudo punha a sua missão, escalpelou-a membro a membro, fibra a fibra e alfim, como última luva atirada às cabeças tonsuradas, lançou em público êsse escrupuloso padrão de verdade — A História do Estabelecimento da Inquisição em Portugal.

Sim; isto é ser historiador!

Herculano como crítico honra o país que lhe serviu de bêmço, como o jesuíta Masdeu enrobrece o seu.

Historiador, mas patriota, no vero e puro sentido do termo.

Levem, se podem, com provas e razões de qualquer espécie para o campo do milagre as valorosas acções do grande Nuno Álvares e depois digam-nos o que sucederá à história e às glórias nacionais. Milagres, sim, fazia-os o Condestável, com o amor da pátria no coração e com o montante na dextra.

A nossa idiossincrasia, a amenidade d'êste edénico clima, êste sol que dilui sa-
firas, êste luar que convida ao amor, estas
noites de Junho que incitam à contempla-
ção, êste atavismo religioso de séculos e
séculos que pesa sôbre nós, fazendo-nos
acreditar não sei em que, aceitando tudo o
que fôr sentimental e religioso, não discu-
tindo nada, por ignorância, por indolência,
ou por comodidade, tudo isto concorre
para que nós atribuamos a Deus aquilo
que não sabemos explicar científica e ra-
cionalmente.

A observação e a experiência, como
método científico nada valem, mas só do-
mina aquilo que as nossas avós, cheias de
ternura e de sentimentalismo, nos segre-
daram, quando nos embalaram.

Depois, crescemos, desenvolvemo-nos
e as condições mesológicas e etnológicas
quase que nos algemam às primeiras cren-
ças, fúteis, inúteis e ridículas, mas também
poéticas, sem que nós tenhamos fôrça para
num gesto de altivez e sinceridade despe-
daçarmos essas gargalheiras.

Com tal povo, com tal educação, com tão pouca fôrça de vontade, como progredir, como levantar cabeça?

Com tão pouco senso, com tão pequeno amor crítico, como fazer história?

O nosso povo é ingénitamente bom e simples. Durante longo tempo viveu na mais absoluta ignorância e, quando lhe deram um impulso para avançar, para o fazer progredir, foi-se encontrar nas mãos do clero. Este vivia, parte cōsciente e parte inconscientemente, como que atrofiado, macerado pelo dogma e pelos cânones; não representava por si uma classe social, mas uma casta temida, ou pela sua maldade, ou pela sua posição.

O padre já não era—Homem—; era manequim, era autómato, quere nas mãos dos políticos, quere nas dos Bispos e Jesuítas. Prègava, mas ódio, ou mentira; ensinava, mas o castigo e nunca o perdão; aumentava as trevas do espirito e nunca dizia como Göethe ou Lamennais—abram aquela janela, quero luz!

A devassidão corroía-o, mas nem as-

sim mesmo deixava de anatematizar o “Eurico,” de Herculano, todo cheio de amor puro, de sentimentalismo verdadeiro e tão verdadeiro que êle não o percebia. A ignorância era-lhe cômoda e a uma pergunta mais analítica respondia sempre com — **Deus e Dogma!!**

Leão x fôra um mau exemplo e Lutero via a sua obra vingada e coberta de loiros. A Igreja Católica nos países meridionais morre; a corrupção física e moral consome-lhe as entranhas, o ultra-montanismo cava-lhe a sepultura. Não se tomem estas minhas palavras à conta de ódio sistemático à religião do Cristo. Não; tudo é relativo . . .

Eu até admiro e tenho uma certa veneração pelo sacerdote católico, mas não nos países onde ele pretende monopolizar o ensino, a religião e o estado, como entre nós aconteceu. Simpatizo com a missão sacerdotal católica, mas onde as religiões com as suas seitas se degladiam; admirei-o na Alemanha, onde o vi em luta aberta de doutrinas e de conquista de adeptos com

os Luteranistas, impondo-se pelo seu carácter, pela sua erudição, pelas obras de caridade que promovia, empenhando-se em conquistar adesões com o bom exemplo e impoluta vida.

Admirei-o ainda na Inglaterra, onde o ouvi prègar as mais puras e sãs doutrinas, aconselhando o perdão e a caridade. E aqui, mais do que na fria Alemanha, lutava êle e valentemente contra a "National Church,, e ainda contra os "Quakers,, contra os Calvinistas, contra os Luteranistas, contra os Presbiterianos e contra as inúmeras seitas que lá pululam.

"Pertransit bene faciendo,, podemos, como a Biblia, dizer do padre católico daqueles países ; mas já não podemos dizer o mesmo do padre católico meridional.

As emanações salinas do Mediterrâneo estuam-lhe o sangue e êle deixa de ser êsse "amputado espiritual,, para acompanhar os seus superiores hierárquicos nos "requiebros,, da "Furlana,,...

Trocando a Virgem por Vénus, o perfume celeste do incenso pelo perfume mun-

dano dos salões, deixando a batina para tomar a casaca, entrando na política e no sectarismo, assim mudou o seu rótulo e degenerou-se.

Dêste modo que esperar de tal clero?

Ora desta maneira, com tais mestres e com tais exemplos, nunca se pode ilustrar nem educar.

Era antiga noção filosófico-psicológica que os actos inconscientes juntos, somados, davam conscientes; a neo-filosofia contesta-o, demonstra o contrário.

Zero somado com zero dá sempre zero, do mesmo modo que ignorância com ignorância nunca dará omnisciência. Pois, abatido nesta decadência, é que viveu durante longo tempo o nosso bom povo; êle tinha talvez desejos de beber a largos haustos a instrução, mas o clero opunha-se e comunicava-lhe a sua ignorância.

Também até Lutero foi a Bíblia monopólio eclesiástico; por isso não é para admirar que num momento solene, êsse povo que sempre viveu nas trevas, ao receber a jorros a luz da liberdade que lhe ilu-

minou os escuros antros, caísse como que cego com tanta claridade.

A luz feriu-lhe a retina e a maior parte tornou-se "miope"; hoje o povo "vê mal",...

Confunde os objectos e até as ideas e não tem a noção certa das coisas. Quantas vezes tem confundido república com anarquia, lenda com história, religião com fanatismo e viver com vegetar?

Mas o êrro vem de trás, da educação, do passado...

Assim, como se ha-de fazer e lêr história? Impossível!

Para êle o desfazer duma lenda é o esboroar da história; prefere vêr a sementeira coberta de joio, do que o trigo limpo e mondado. É a decadência da raça latina, é o retrocesso...

Retrocesso? Não! Prouvera a Deus que o fôsse. Mas eu não acredito, nem admito sequer em tese, o retrocesso de uma raça, porque, se êle fôsse possível, ela iria retrogradando sempre e sucessivamente até poder adquirir a fôrça que alcançou quando atingiu a sua idade de ouro.

Por isso, para mim, as raças decaem, mas não retrocedem. Poderemos nós, ainda, encarnar a vontade de ferro de Afonso Henriques, o carácter de Egas Monís, o patriotismo de Nuno Alvares, a coragem do Gama e a constância de Magalhães?

Não, nunca!

Já somos filhos afastados dos grandes vultos...

Mas como explicar no meio da decadência desta raça uns estos de valor dalguns povos? A Itália levanta-se e ela encerra no seu seio a nossa avó:—o Latium.

Serão novas fôrças que se reúnem? será o evolucionar social? assim seja, para termos ainda uma esperança no futuro. E eu estou certo que a leitura da verdadeira e pura história, o lembrar os feitos sem par dos nossos avoengos, dará ao povo, se não uma nova alma, pelo menos um incentivo mais vivo para o caminho do Progresso.

Oh! a história é a mestra do futuro e a pregoeira do passado.

Não é tentando valorizar lendas, que nós refazemos e aperfeiçoamos a história; não, não é. E' limpando-a de tudo que ela tem de fantástico, de tudo o que ela encerra sem provas, sem documentos de qualquer espécie. Façamos o estudo das fontes, para depois apresentarmos a verdade dos factos.

*

* *

Ao escrever estas linhas eu sinto em mim como que um impulso de orgulho e ao mesmo tempo um sentimento de mágoa. Eu me explico:

O título da presente obra elucida bem o seu assunto. Consiste apenas em, com provas, destruir a já célebre Escola Náutica ou Academia de Sagres, que muitos protegem e defendem como uma glória nacional.

A minha concepção, para uns, será ousada e para outros pretenciosa. Que importa? Lá está a critica sincera e recta para me apreciar...

A LENDA DE SAGRES

Alguém verá nisto um acto anti-patriótico, talvez o desvalorizar da história nacional, e, quem sabe? um pouco de “snobismo,,. Nada disso é! A figura grandiosa e aureolada do Infante D. Henrique continuará no seu alto e refulgente pedestal e a névoa que há dois séculos levemente a encobre será espancada e, assim, estejam certos, ficará melhor.

O audacioso empreendedor, com os olhos fixos na curva do horizonte, lá onde o último bordo do céu fimbria o mar, verá melhor a chegada das frágeis caravelas que por “mares nunca d’antes navegados,, levaram a luz da civilização às duas costas africanas, ao levante e aos confins do mundo.

A recompensa do seu grande amor pátrio será esta: depôr-lhe aos pés a sua própria história, mas feita com verdade.

E com isto todos lucram; as côrtes de Lamego também passaram para a lenda, saíram da história e esta nem por isso baqueou, antes ficou mais firme. E’ necessário que nós mostremos ao estrangeiro que nos aprecia, que nos importamos de pôr

no seu verdadeiro lugar as nossas glórias, sem embustes, sem lisonjas nem mentiras.

“Noblesse oblige,” somos portugueses e a nós, mais do que a ninguém, compete fazer a nossa história.

O assunto de que me vou ocupar já foi tratado por M. M. Le Comte Goblet Alviella, Leclerey, Discailles e Dr. Jules Mees na Rial Academia Belga, mas em Portugal não encontrou defensores. Não há um único livro dedicado exclusivamente a tal tarefa.

Seria por temor que aqueles que melhor do que eu o podiam fazer se excusaram a isso? ou julgariam que com a destruição da lenda perigavam os alicerces da nossa história pátria?

Não sei; seja como fôr...

Para mim, as fontes que usei — Ramúsio, Azurara, Major, Mees, João de Barros e outros, são claras e certas, e assim julgo prestar um serviço desinteressado à história, expurgando-a duma lenda. A lendária Academia de Sagres ficará bem junto das côrtes de Lamego e do milagre de Ourique.

Se o meu próprio juízo não-me engana, demonstrarei que a Academia Náutica de Sagres, atribuída ao infante Henrique, não passa de uma fantasia inventada séculos após a sua morte.

E' necessário que conheçamos os grandes vultos e os seus feitos, mas imparcial e conscientemente, porque o nosso povo está eivado de grosseiros erros, radicados pela falsa tradição que lhos tem repetido séculos após séculos.

De Nero só conhece os seus ferinos sentimentos e as crueldades que praticou contra os cristãos; mas ninguém fala da riqueza e prosperidade que o Império Romano atingiu sob o seu poder.

Lutero é sómente um inimigo irreconciliável e perseguidor do Papado; mas ninguém diz que êle foi um pedagogo emérito e que se a Alemanha caminha hoje na vanguarda da pedagogia, dêle recebeu o primitivo impulso. (1)

(1) Ver a obra do autor: "Lutero como pedagogo," 1913

As Cruzadas dizem as piedosas peregrinações aos Lugares Santos, tendo em vista recuperar das mãos dos infieis o túmulo do Cristo; mas que essas ordas de bandidos matavam, violavam, saqueavam e incendiavam, não sabem. Pois a nossa história lá narra os seus selváticos feitos na tomada de Lisboa.

O padre do alto do púlpito barafustou que a Revolução Francesa foi a maior calamidade humana depois de Átila, mas não disse os benefícios que ela trouxe à sociedade e em especial ao povo.

Assim, ignorante e mal educada, a plebe conhece a história sectariamente e fala-nos de Lutero como um monstro e de Nero como uma fera.

Ora isto não é fazer história, não é conhecer história; é corromper gerações, atrofiar intellectos.

Nada mais!

Quem perfilha a lenda

TRATANDO de refutar a lendária Escola ou Academia Náutica de Sagres, apresentarei em primeiro lugar as passagens dos historiadores antigos e modernos que teem affirmado que o Infante D. Henrique fundou tal instituição dotando-a, ao mesmo tempo, dos mais célebres mestres cartógrafos, cosmógrafos e navegadores que deixaram os seus nomes vinculados a essas assombrosas aventuras marítimas.

Sem dúvida, a maior parte dêstes his-

toriadores constitui, por assim dizer, essa "élite," intelectual que gastou energias e dispendeu vida em prol do esclarecimento da história.

Mas a verdade é que êles se utilizaram inconscientemente de fontes duvidosas e assim, posso afirmar sem receio de ser refutado, deixaram-se adormecer pelo canto da fabulosa sereia que se ocultava nas penhascosas margens do "Sacrum Promontorium",.

Porêem, é de notar que, em geral, todos êstes historiadores são relativamente modernos e conseqüentemente não contemporâneos do Infante. Dos antigos não se pode apresentar um único, como demonstrarei, que escrevesse com fundamentadas razões uma só linha àcêrca da famigerada Escola Náutica de Sagres.

Notemos que as fontes contemporâneas, quási sempre testemunhas oculares ou auriculares dos factos, são as de mais alto valor, por mais puras e dignas de fé. Quando estas ou aquelas nada nos dizem, çcomo podemos conceber que só passados

séculos desponte como novidade um feito do qual os nossos avós não se ocuparam directa ou indirectamente, verbalmente ou por escrito?

¿Como se pode admitir que os muros dum edifício se sustentem sem alicerces, ou que um tronco vice sem raiz?

O mesmo succedeu com as côrtes de Lamego; do tempo a que elas se referiam não aparecia um único documento, uma única passagem, uma única linha que afirmasse ou dêsse a perceber a existência de tais côrtes. O documento forjado era muito posterior.

Eu bem sei que a vaidade humana e muitas vezes um mal calculado amor pátrio constituem as razões para que a história seja deturpada, julgando-se assim exaltar mais o valor dum herói, ou alargar os limites dum facto notável.

Mas isso não é história; é a corrupção da mesma. E estejamos certos de que o embuste mais tarde ou mais cedo é descoberto, acarretando já então grandes danos pelas suas falsas ligações, pelo desvir-

tuamento que nos outros factos produziu.

E' o escalracho que se desenvolve à vontade e luxuriantemente no meio da sementeira e quando o descuidado lavrador o pretende arrancar, já sacrifica muito da colheita.

Por isso é uma das mais nobres missões a de limpar a enorme sementeira histórica dessas ervas daninhas, cuidada, tempestiva e minuciosamente.

E no caso presente é de admirar como tanto se tenha escrito pretendendo assegurar a veracidade duma lenda que, para maior infelicidade, nem origens nacionais tem. Vamos encontrar os ingleses, os italianos e os belgas escrevendo sôbre o assunto e pondo os factos nos seus termos, enquanto os nacionais se interessam em prolongar a fantasia.

E' um absurdo sem desculpa nem explicação.

Para o número dos superiormente ilustrados a lenda vai passando; e digo "dos superiormente ilustrados,, porque para os

outros a lenda da Escola Náutica de Sagres ainda constitui uma realidade.

Pouco ou nada se tem feito a fim de lançar por terra êsse monumento assente em arcia e que só aguarda um pequeno terramoto para ruir. Benéfico que êsse terramoto será! tal como sôpro do tufão que enfolando as velas de nau prestes a naufragar em penhascosa costa a põe ao largo e a salvo :—

Eu bem sei que o ciclone destroi e mata, mas também desperta muitas energias e dá muitas lições. Em tudo se aprende.

Dir-me-hão que o derrubar é fácil, mas pernicioso, e que só o criar é divino e difícil.

Distingo. A criação da mentira é obra satânica e nós podemos criar destruindo; destruindo a lenda cria-se a história . . .

A Revolução, destruindo e passando como o vento da cólera do Senhor, semeou e produziu. E' sempre assim; ao inverno triste segue-se a primavera risonha e florida.

Mas basta de divagações; voltemos para junto do Infante que na ponta de Sagres

pensa e medita nas glórias da pátria, enquanto o mar no seu fluxo e refluxo se lhe roja aos pés, orlando a praia de alva espuma.

Pensa e medita, assombroso nauta! e depois anima com o teu génio êsses lôbos do mar, que, tismados do sol africano, largam nas frágeis caravelas em demanda de mais um loiro para a tua coroa e de mais uma glória para o teu nome!

Ensina e apregoa que para além do tormentoso "Não," há largos impérios e fabulosas riquezas; fala aos teus marinheiros das terras de Preste João e excita-lhes a fantasia tão fácil de lançar em grandes e arriscadas empresas; sonha com a tua pátria como o empório do mundo e auxilia com o teu intellecto, com a tua boa vontade e com a tua firmeza a construção do gigantesco edificio cuja primeira pedra foi lançada em Ceuta!

Vejam agora quem se refere directa ou indirectamente à lenda da Escola Náutica.

João de Barros

na "Década,, 1.^a, Livro 1.^o, Cap. 16, escreve:

"Pois àcêrca das letras, não tratando
"das sagradas que êle (o Infante) por devo-
"ção e veneração muito amara, àcêrca das
"humanas era muito estudioso, principal-
"mente na Sciência de cosmografia . . .

"O Infante não sómente encomendou
"as causas do bom sucedimento delas, mas
"ainda teve nêle muita indústria e prudên-
"cia para conseguirem próspero fim, por-
"que para o descobrimento da costa ociden-
"tal da África mandou vir da ilha de Maior-
"ca o mestre Jácome, homem mui douto na
"arte de navegar, que fazia cartas e instru-
"mentos náuticos, o que lhe custou muito
"pelo trazer a êste reino, para ensinar sua
"sciência aos officiais portugueses daquele
"mester . . . ,"

Nas últimas palavras do cronista encon-
tra-se uma alusão a um mestre e assim hou-
ve quem concluísse que onde há professores
há alunos e onde há alunos há, sem dúvida,

escola. Eis uma razão remota para que se começasse **só no século XVIII** a falar da Academia Náutica de Sagres ; e digo "razão remota,, porque a origem da lenda não parte de nacionais, mas sim de estrangeiros, como em capítulo próprio eu o demonstrarei.

O meu prezado e ilustre colega Prof.

Acácio da Silva Pereira Guimarães

em opúsculo publicado em 1904, com o título "História da Geografia,, consagra cinco páginas à Escola do Infante e trata do assunto, posto que "à vol d'oiseau,, sob uma feição histórico-crítica e moderna. Mas na pag. 54 escreve aquele senhor :

"Diz mais (João de Barros) que depois "de muitas promessas e presentes sempre "conseguiu resolver o dito mestre Jaime a "vir residir em Portugal, isto com o fim "de ensinar a sua sciência aos navegadores "portugueses.,"

Até aqui fala João de Barros.

Muitos teem erroneamente considerado João de Barros como fonte primitiva. Não, nunca o foi. Se nós retrogradarmos com uma minuciosa e cuidada investigação, vamos encontrar muito longe a fonte, talvez primitiva que serviu de base à passagem citada pelo cronista. É em Duarte Pacheco Pereira que se vê a primeira referência ao mestre maiorquino.

Desta fonte ocupar-me-hei em capítulo próprio e então explicarei quais as razões que me levam a ainda não chamar ao próprio Duarte Pacheco fonte primitiva, pois há noção de uma crónica perdida que teve por autor Afonso de Cerveira e que eu reputo primitiva.

No retrogradar prudente e preciso de épocas, cronistas e fontes é esta "Crónica,, de Cerveira aquela que mais longe podemos alcançar e a que mais nos há-de servir para base do nosso estudo.

Mas voltemos ao nosso assunto.

A seguir escreve o douto Professor: "Eis o germen da Escola de Sagres.,,

Concordando, como concordo, com as

poucas páginas escritas sobre a Escola de Sagres na obra citada, peço vénia para discordar neste último ponto.

Barros não foi mais que um obreiro que inconscientemente carregou uma nova pedra para o levantamento da lenda, mas que essa servisse de fundamento àquela, isso não, não serviu.

Foram os ingleses que agora tanto tem auxiliado a destruição da lenda que a criaram, sendo mais tarde reforçados pelos espanhóis, como à frente veremos.

Que o douto colega me releve esta discordância, mas tal é a minha opinião e julgo que segura e documentada.

António Ribeiro dos Santos

nas suas "Memórias históricas sobre alguns matemáticos portugueses e estrangeiros, domiciliados em Portugal ou nas conquistas,, diz :

" Ali (em Sagres) erigiu um observatório "astronómico, o primeiro que tivemos; "chamou a si muitos homens sábios, capi-

“tães animosos, pilotos experimentados e
“mestres da nevegação, convidando-lhe
“sua fama estrangeiros ilustres de quási
“todas as nações da Europa, que vieram
“oferecer-se em seu serviço; fez com êles
“o seu “Palaco,, uma escola de estudos e
“aplicações matemáticas e um seminário
“de geógrafos, de astrónomos e náuticos
“que davam luz àqueles tempos,,.

Que razões teria o autor destas “Me-
mórias,, para falar numa Escola?

Não se sabe!

Quais os documentos ou testemunhos
apresentados para fazer vingar a sua afir-
mação?

Nenhuns!

Alves Matoso

nos seus “Apontamentos para a História
de Portugal,, publicados no ano de 1894,
a pag. 67, diz:

“ . . . que os navegadores portugueses

“abriram uma nova era de descobertas, em
“que sobressai o vulto grandioso do Infante
“D. Henrique, o ilustrado fundador da Es-
“cola Náutica em Sagres”

Assim a lenda é defendida num livro oficialmente adoptado para os alunos de Instrução Secundária . . .

Pinheiro Chagas

na “História de Portugal,, vol. 2.º, pag. 222, escreve:

“Estabeleceu também na sua Vila, Vila
“do Infante, como ainda hoje se lhe chama,
“uma escola de cosmografia e navegação
“que foi freqüentada pelos cavaleiros da sua
“casa e por outros homens que por essas
“empresas se entusiasmavam?”

“Não podemos dizê-lo com absoluta
“certeza; todas as probabilidades militam
“a favor da afirmativa,,.

É para admirar que Pinheiro Chagas,

o grande compilador, o corajoso trabalhador, não publicasse essas probabilidades que, segundo a sua opinião, militavam a favor da afirmativa; ao certo queria-se referir a Barros e àqueles que erroneamente o interpretaram.

Garção Stokler

publicando o “Ensaio histórico sôbre a origem e progressos das matemáticas em Portugal,” (1819) a pag. 16 afirma que:

“... o Infante conseguiu transportar
“para Portugal a Jácome de Malhorca, para
“que públicamente ensinasse a navegação
“aos portugueses”

E’ esta mais uma outra variante da célebre Escola.

Como se vê, as palavras de J. de Barros foram a pequenina areia que, rolando para o fundo do oceano, se cobriu de limo, de algas e de sais e formou com o andar dos tempos o rochedo contra o qual as embar-

cações do Infante viriam mais tarde a destruir-se.

Fortunato de Almeida

no seu livro intitulado "O Infante de Sagres," publicado em 1894 escreve a pag. 53:

"Julgamos que a Escola de Sagres era
"uma escola no verdadeiro sentido da pa-
"lavra—muito embora haja quem susten-
"tasse o contrário—e não um simples no-
"viciado de marinhagem. Bastaria para o
"conjecturar a predilecção que o Infante
"mostrou sempre pelos estudos náuticos e
"astronómicos do que deu sobejas provas,
"como já vimos, se não tivéssemos a de-
"monstrá-lo o facto de haver o Infante es-
"tabelecido em Sagres um observatório, o
"primeiro que existiu em Portugal.,,"

E' para lamentar que o meu ilustre colega, autor de tão interessante obra, sabendo que existia quem combatesse a existência da Escola de Sagres, não procurasse co-

nhecer quais as razões que militavam a favor de tal opinião. Mas, que da predilecção do Infante pelos estudos matemáticos se possa concluir para a fundação da Escola, isso é absolutamente erróneo.

Fala também da fundação do observatório em Sagres, como argumento a seu favor, mas pena foi que não tratasse de averiguar que espécie de observatório era e a que se destinava...

Adiante ocupar-me-hei dêle.

*

*

*

No ano de 1907 publicou o mesmo autor um volume intitulado "História de Portugal,, na qual parece que a opinião acima citada já é *levemente* modificada, sem que, porém, o snr. Fortunato de Almeida se pronuncie abertamente contra a existência da Escola de Sagres. Vejamos:

A pag. 62 escreve aquele meu prezado colega:

"... estabeleceu a sua residência (o

“Infante) no Algarve, no promontório de
“Sagres, onde fundou uma vila a que cha-
“mou Vila do Infante,,.

“Em Sagres houve desde então uma
“escola onde se estudavam com ardor as
“sciências matemáticas e cosmográficas co-
“mo auxiliares da arte náutica.,,

E em nota acrescenta o sábio autor:

“Tem-se discutido se a Escola de Sa-
“gres era uma escola no verdadeiro sentido
“da palavra, ou se era apenas um aprendi-
“zado da arte náutica,,.

Por aqui se vê que a dúvida sôbre a
existência da Escola e sôbre a sua espécie,
vai transparecendo.

Já que há dúvida, apuremos a verdade...

Oliveira Martins

essa glória dos historiadores portugueses,
na sua obra magistral intitulada “Os filhos
de D. João 1.º,, vol. 2.º, pag. 4, diz:

“Esporeado (o Infante) pela desgraça, obrigado a prostrar a idea da conquista de Marrocos, o Infante, applicou todos os seus cuidados às navegações. Alguns dizem ser desta época a vinda de Jácome da Maiorca para a Escola ou Academia de Sagres, datando, porém, outros à sua instituição, depois de Ceuta.,”

Até mesmo o grande mestre, o meticoloso observador e pesquisador, deixou passar sem reparo a lenda da Escola Náutica de Sagres. E' que ela ia ganhando pé e em volta de si contava inúmeros admiradores e aduladores, que por pseudo patriotismo ou por falta de estudo deixavam corroer a história nacional.

César Cantu

Na sua “História Universal,, vol. 12.º, pag. 103, encontra-se o seguinte:

“Em Sagres, o Infante, dedicou-se com solicitude aos estudos náuticos e tanto se

“distinguiu nêles que se lhe atribui, embora
“erradamente, a invenção das cartas hidro-
“gráficas planas, nas quais é possível que
“introduzisse alguns melhoramentos. Acres-
“centa-se que estabeleceu, mesmo em Sa-
“gres, uma escola de cosmografia e de na-
“vegação para preparar homens que podes-
“sem realizar os seus planos audazes e é
“positivo que chamou para junto de si o
“estrangeiro Jaime da Maiorca, afamado
“cosmógrafo da época, com o qual reuniu
“quantos homens sabedores, do país e de
“fora dêle, quiseram prestar-lhe o auxílio
“das suas luzes,,.

Na parte referente à Escola Náutica e à sua fundação, Cantu é, por assim dizer, um pouco incerto, ou pelo menos parece não querer assumir a responsabilidade da afirmação da sua existência. Ele escreve “acrescenta-se que estabeleceu,, o que equivale a “diz-se que estabeleceu,,.

O “on dit,, dos franceses é excelente para alojar responsabilidades...

Porêm, se o historiador conhecesse os

argumentos que se levantam contra a existência da Escola, certamente, apresentá-los-hia. Na passagem aludida êle apresenta-se duvidoso, sem nada nos dizer contra a lenda, o que nos leva a concluir — “qui tacet consentiri videtur.”

O Dicionário Popular

colaborado por um numeroso grupo de homens eruditos e entre êles muitos que se dedicavam aos estudos históricos e publicado em 1879, no vol. 5.º, pag. 271, col. 2.ª, contêm o seguinte:

“Estabeleceu também na sua vila, Vila do Infante, como ainda hoje se lhe chama, uma escola de cosmografia e de navegação, que foi freqüentada pelos cavaleiros, da sua casa e por outros homens que por essas empresas se entusiasmavam? Não podemos dizê-lo com certeza; todas as probabilidades militam o favor da afirmativa.”

Notarei que êste “Dicionário,, foi publicado sob a direcção de Pinheiro Chagas e que nesta citação se repetem as palavras que já transcrevi de logar idêntico, da “História de Portugal,, do mesmo autor.

O Visconde de Santarêm

no “Extrait de l’Encyclopédie des Gens du Monde,, tomo XIII, parte 2.^a, pag. 679 e seguintes, le-se:

“Henri le Navigateur — afin d’avoir
“des pilotes et des mariniers instruits, il
“invita, sous promesse de récompense,
“ceux même des pays étrangers à venir le
“joindre. En 1438 il fit venir en Portugal
“Jacques de Mallorque, qui était devenu
“célèbre par ses connaissances dans les
“sciences nautiques, afin de les enseigner
“en public à Sagres.,,

Desta passagem do Visconde de Santarêm muitos se teem servido, afim de

erradamente concluírem para a existência da lendária Escola.

*

*

*

Saiu há dias do prelo um grosso volume impresso em Lisbôa com o título "Inéditos,, que contêm um grande número de escritos coligidos, coordenados e anotados pelo snr. Jordão de Freitas, Bibliotecário da Biblioteca da Ajuda e trazidos à publicidade pelo 3.º Visconde de Santarêm, incansável investigador da história portuguesa.

Fui eu um dos primeiros que manuseou esta obra e a pag. 350, num capítulo intitulado "Etudes des Mathématiques en Portugal, xv.º siècle,, encontrei a seguinte passagem, referente ao estudo e desenvolvimento das sciências matemáticas em o nosso país :

"Il y avait, au moins, la célèbre Académie de Sagres . . . ,"

Quanto a mim, o autor da obra citada

não tem razão alguma para poder escrever “la célèbre Académie de Sagres.”

Há aqui um confusão que é necessário esclarecer. Há diferença entre a “Academia de Sagres,” e uma cadeira de matemática que alguns “supoem,” a princípio criada pelo Infante em Sagres e mais tarde passada para a Universidade de Lisboa.

Sendo o Infante um fanático pelo estudo das sciências matemáticas e declarando êle que se retirara para Sagres para, afastado do bulício do mundo, se poder entregar ao estudo da “matemática,” não me custa a aceitar que êle aí aprendesse e ensinasse aquella sciência.

Mas que daqui se possa concluir para a existência da Academia, isso é que é erroneo. A Academia, como a sua palavra o indica, não podia ser composta de uma só cadeira. O que nós podemos ver em Sagres são os estudos “particulares,” do Infante, o que é muito diferente de uma Academia, que já de per si supõe “estabelecimento público,” destinado a um certo fim, com professores, aparelhos, alunos, sciências, etc., etc...

Quem será capaz de negar que se o Infante criasse essa Academia não a dotaria de cadeiras diversas e concernentes ao seu fim, tais como as de : cartografia, astronomia, cosmografia, oceanologia, construção naval, etc.?

Haverá alguém que numa cadeira de matemática queira ver a tal Escola? E os professores para essa Academia? Quem foram? Donde vieram? Que fizeram? Quem os nomeou? Falou nêles o Infante alguma vez? Que sabemos dêles?

A tudo isto responde o silêncio . . .

Major, célebre autor inglês, no seu livro publicado em Londres em 1868 com o título: "The life of Prince Henry of Portugal, surnamed the Navigator and its results," a pag. 60 escreve :

"O que *parece* (o itálico é nosso) altamente provável, é que a cadeira de matemática de Lisboa foi estabelecida pelo Infante D. Henrique, porque aparece uma doação dêle, datada de 12 de outubro de 1431, em que outorgava à Universi-

“dade de Lisboa, que não tinha casa própria, algumas casas que elle comprara a João Anes, armeiro de el-rei, por quatrocentas coroas velhas, ao passo que é sabido que em 1435 essa cadeira existia, tratando-se nela dum objecto em que tomava o Infante especial interesse.”

Major é um dos autores que se empenhou em propagar a lenda da Academia; mas, podemos das suas palavras, e até mesmo aceitando como “provável,” a fundação da tal cadeira de matemática, podemos nós, dizia eu, concluir para a existência da Escola?

Não, porque não há um único argumento, uma única prova, por mais leve que seja, que nos conduza a tão ilógica conclusão.

Henry Hallam

escreve na sua obra intitulada “Histoire de la litterature de l’Europe,” a pag. 191 :

“Mas as descobertas riais dos portu-

“gueses na costa de África sob a protecção
“do Infante D. Henrique são incompará-
“velmente mais importantes, pois contri-
“buíram elas para estimular e dirigir o
“espírito aventureiro. Foi na Academia fun-
“dada por este ilustre príncipe que as cartas
“náuticas foram feitas pela primeira vez
“em harmonia com um método mais útil
“ao piloto.”

Boutroue

numa conferência realizada em 13 de Junho de 1891 na Sociedade de Geografia, disse:

“Em 1420, isto é, setenta e dois anos
“antes de Cristóvão Colombo descobrir a
“América, o Infante D. Henrique, o Nave-
“gador, quarto filho do rei D. João 1.º, cujo
“monumento funerário acabais de ver, ins-
“talava no cabo S. Vicente, na ponta su-
“doeste da Europa, que vos mostrei há
“pouco, uma Escola marítima e hidro-
“gráfica dirigida por Jácome de Maiorca.”

Paremos agora neste longo trabalho de investigação.

*

*

*

Eu poderia apresentar muitas mais passagens de outros autores que ingenuamente acreditaram na existência da Escola Náutica de Sagres. Seria apenas trabalho de investigação, para o qual só se exige tempo e paciência. Nada mais!

Mas isso já pouco valeria. Os autores acima citados já por si representam a índole da corrente lendária e ao mesmo tempo mostrando-nos ou que foram mestres que serviram de base a outros que os consultaram, ou então discípulos dos grandes mestres.

Assim, desde que reconhecemos que a ideia da existência da fantástica Escola foi perfilhada por muitos, quási por todos, nada mais temos de que retomar a nossa missão: trabalhar por destruir êsse monumento caprichosamente construído, onde não se vê um único florão que honre a história nacional.

Compreendamos bem: a Escola Náutica de Sagres, se existisse, incontestavelmente, seria mais uma glória nacional dessa época, em que os nossos avós começavam a fazer voltar para si as atenções de todo o mundo e a deslumbrar todos os povos com a audácia das suas descobertas e com o fragor das suas vitórias.

Sem dúvida!

Mas assim, não existindo, nós que temos a iluminar os nossos pergaminhos históricos feitos assombrosos por mar e por terra, nós que antes dos "Lusíadas", já contávamos uma verdadeira "Ilíada", e "Odissea", que lucraríamos em querer ofuscar os nossos feitos com o anuviado de uma lenda? Absolutamente nada!

Perderam, a nossa pátria, o nosso povo ou a nossa história, alguma coisa com a destruição de lendas idênticas que obscureciam as páginas luminosas do nosso passado?

Não!

Certamente, a sementeira só lucra com a monda das ervas daninhas...

E mesmo como se explicaria que Camões, o mavioso cantor das glórias nacionais, o qual immortalizou todos os nossos heróis e guindou até ao mais alto apogeu as suas valorosas acções, como se explicaria que referindo-se às inconcebíveis descobertas, cantando todas as "étapes," que representam em a nossa história marcos miliários no caminho do progresso, esquecesse sómente de dedicar dois acordes da sua lira a essa Academia, que talvez com os seus mestres, com os discípulos e com a sua forma, rivalizaria com as da Grécia antiga?

Ah! não!

O épico vidente que profetizou a morte da sua pátria amada de envolta com a dêle, com certeza, leu e releu o poema, antes que a miséria lhe quebrasse as cordas da sua segunda alma, para ver se todas as grandes façanhas lá eram cantadas!

Êle, que não esqueceu um "iod," da nossa passada grandeza, não iria cometer um crime de lesa-patriotismo, de lançar o veu do silêncio sôbre uma tão grandiosa empresa, como a do filho de D. João 1.º!

A alma do poeta é pura e imaculada como a bonina dos campos e não conhece o sôpro pestilento da ingratidão, como a flôr dos vales não conhece o ar mefitico e asfixiante que se respira nos grandes centros.

Abramos o poema no Canto 5.º-IV e lá veremos:

Assim fomos abrindo aqueles mares
Que geração alguma não abriu,
As novas ilhas vendo e os novos ares
Que o generoso Henrique descobriu.

Eis a homenagem do épico ao cavaleiro do "talant de bien fère,, mas à sua Escola nem uma referência, nem um verso, nem uma única palavra.

Não; porque o poeta não queria misturar as glórias da pátria com as fantasias da lenda, nem ser amaldiçoado pela posteridade, só por meter uma fôlha caduca no meio da verdejante coroa de loiros, que já então ornamentava o nome do nosso país.

[Faint paragraph of text]

[Faint paragraph of text]

[Faint paragraph of text]

[Faint paragraph of text]

[Faint paragraph of text]

Quando e como começou a lenda

NENHUM cronista ou historiador contemporâneo ou quase contemporâneo do Infante D. Henrique fala na Escola Náutica de Sagres.

Terminou a gloriosa empresa das nossas descobertas que, sem dúvida, vão buscar o seu fundamento ao ardor com que D. Henrique impulsionou os marinheiros portugueses lançando-os no caminho do ignoto ; findou êsse período áureo da nossa história, em que demos leis aos povos, des-

cobrimos novos mundos, conquistamos longínquas terras e ganhamos noventa de cem batalhas; chegou, finalmente a época em que começamos a dormir sôbre os loiros colhidos nos sóis de Africa e nos reinos asiáticos, e desde o primeiro até ao último passo através tão árdua jornada, não encontramos uma única pessoa que nos falasse da Escola Náutica de Sagres.

Os anos passam, êstes perfazem séculos, as gerações sucedem-se, os tronos baqueiam, levantam-se novos tronos e novas dinastias e até ao século XVIII ninguém se refere à Escola.

Como poderemos então acreditar na existência de tal Academia, se nem os que viveram nessa época, nem as gerações que imediatamente se seguiram consagram uma só palavra a tal instituição?

Como conceber a veracidade dum facto que se conservou oculto no silêncio, século após século, para vir depois surgir passadas tantas gerações como uma verdadeira novidade histórica?

Como compreender que nem nacionais,

nem tão pouco estrangeiros, que então contemplavam Sagres como o verdadeiro "Sacrum Promontorium,, (1) onde as mitológicas divindades se reuniam para em noites de argênteo luar convocarem os seus concílios junto do Oceano que se espreguiçava lânguidamente aos seus pés, como compreender, dizia eu, que os estrangeiros e muito principalmente os espanhóis, que tanta admiração e veneração votavam ao Infante de Sagres, elogiando os seus feitos, cantando a sua audácia e apreciando o seu saber, não registassem numa simples linha essa Academia, que devia dar leis à náutica e à astronomia e para onde todos os povos enviariam os seus mais conhecidos navegadores, afim de ouvirem os grandes mestres do mar e tomarem os seus ensinamentos?

Como explicar êste silêncio?

Era que a semente da lenda ainda não estava lançada!

A lenda foi inventada pelos autores ingleses das "histórias de viagens,, que abun-

(1) Strabão, Liv. 3.º, cap. 4.º

daram na Inglaterra nos séculos xvii e xviii, dos quais os mais importantes são: Robertson, Churchill, Purchas e Osborne, os quais ao encetar os seus trabalhos consagram longos prólogos e capítulos às primeiras descobertas marítimas.

O primeiro dos autores citados, Robertson, no seu livro intitulado "History of America," publicado em Londres, em edição completa, em 1827, no vol. 6.º, a pag. 38, fala-nos da **Escola de Navegação em Sagres**.

Foram pois os inglêses os primeiros, nos tempos modernos, a citar a Escola Náutica, mas não apresentam um único argumento, um só testemunho ou um único documento em que se baseiem. Até aqui ninguêem tinha falado nela; agora, a primeira pedra estava lançada e não tardou que aos inglêses se viessem juntar outros, prestando-se não só a reproduzir a primeira *mentira*, mas também a aumentá-la largamente.

Os inglêses lançaram só a idea da Escola e não lhe acrescentaram mais pormenores.

Aparece em seguida um "Ensaio histórico-apologético," de Lampilas, datado (em tradução) de 1789 e publicado em Madrid, onde o autor, levado por um falso sentimento de patriotismo, tenta demonstrar contra Tiraboschi que os marinheiros e navegadores espanhóis dispunham de qualidades muito superiores às dos italianos.

Para Lampilas, a audácia, a coragem, a inteligência e a concepção dos lobos do mar da nação nossa irmã eram infinitamente superiores, às dos descendentes de Rómulo e Remo.

Sem deprimir as nossas qualidades de bravos marinheiros e apoiado nos autores ingleses do século XVIII onde, como já disse, se lê pela primeira vez a patranha, Lampilas aumenta a referência dos filhos da loira Albion à Escola Náutica de Sagres, interpreta mal as palavras de J. de Barros e pretendendo destas duas partes colher argumentos para fazer vingar a "incomparável," inteligência dos marítimos hespanhóis sobre os italianos escreve, declarando apoiar-se nos autores ingleses que foram

os primeiros a inventar a Escola, o seguinte:

“O Infante D. Henrique fez vir de “Maiorca um célebre matemático, hábil em “navegação e na arte de fazer instrumentos “e cartas marítimas,,.

Até aqui está bem; todos os cronistas antigos confirmam e João de Barros é claríssimo a tal respeito. O chamamento do maiorquino para a companhia de tão conspícuo e nobre senhor, como o Infante, já devia ser um belo título de honra e vaidade para Lampilas e para os espanhóis: já poderia dizer ao seu antagonista Tiraboschi que só os espanhóis, e não os genoveses, mereceram as honras de tal escolha e assim diria a verdade.

Mas seria isto argumento seguro e suficiente para demonstrar a sua tese?

Poder-se-hia, daqui, concluir a superioridade dos espanhóis sôbre os célebres genoveses?

Talvez não . . .

Contudo esta demonstração não nos pertence.

Julgo, porêem, que Lampilas não achou o argumento muito forte e justamente para o fortalecer, segundo o seu juízo, é que êle diz, sem documentar a sua afirmação verdadeiramente gratuita :

**“O Infante D. Henrique fundou
“uma Escola ou Academia e nomeou-o
“(a Jacques de Maiorca) seu director.”**

Eis o complemento do embuste, até então nunca lido nem ouvido!

Lampilas deixou-se levar pelas palavras de Robertson e outros ingleses, e lendo em uma das fontes primitivas, em J. de Barros, que o Infante à custa de dinheiro, dádivas e promessas trouxera o mestre maiorquino, achou ocasião azada para apregoar pela tuba da fama as glórias dos navegadores espanhóis, colocando a seu talante o mestre Jacques na cátedra da Academia de Sagres, existente só na mente dos ingleses e isso só desde o século XVIII.

Desta maneira, com uma penada, já podia "aniquilar,, os italianos nas suas pretenções de glória . . .

Porque, realmente, ser chamado para director da única Escola Náutica em todo o mundo um homem de um povo de navegadores, havendo outros povos com belas qualidades marítimas, também, representava uma alta preferênciã digna de nota.

Mas pretendendo retrogradar nos tempos e nas fontes até ao Infante, infelizmente, para nós mais do que para ninguêã, esbarramo-nos já no século XVIII contra as histórias e autores ingleses, como contra uma muralha inultrapassável que não nos deixa ir mais alêã, nem também consente que desvendemos mais largo horizonte; e assim temos de permeio o espaço que leva a percorrer três longos séculos, sem que encontremos, apesar das nossas mais cuidadosas investigações, uma única fonte onde nos possamos dessedentar ou um arbusto à sombra do qual possamos descansar.

Nada, absolutamente nada existe!

Só o silêncio profundo da história e das crónicas...

*

*

*

Já lemos o que João de Barros escreveu; investiguemos os cronistas do seu tempo ou aqueles que lhe sucederam e vejamos se falam da Escola ou se confirmam as deduções que muitos erroneamente tiraram das citações de Barros.

António Galvão, o escritor-soldado a quem foi oferecido o trono de Ternate e que de volta à pátria teve de viver durante uns longos 17 anos da caridade dos amigos e que na hora extrema só encontrou descanso no catre de um hospital, nada nos diz àcerca do nosso assunto.

Em as nossas "démarches," junto doutros tais como Cordeiro e Frutuoso nada aproveitamos também.

Mas o historiador na missão de descobrir a verdade, escava, esquadrinha e investiga os mínimos restos e as mais escuras épocas. Já notamos que de João de Barros para diante ninguém nos fala da Escola de Sagres.

Retrogrademos mais; façamos luz sôbre os tempos que precederam Barros e procuremos a fonte mais distante, aquela de que êle se serviu para a sua citação, no que respeita ao mestre Jacques de Maiorca.

O Infante D. Henrique nasceu no Pôrto em 4 de Março de 1394 e morreu em 1460 e Barros viveu desde 1496 a 1570; como se depreende das datas, o cronista de nenhum modo podia ter sido contemporâneo do "Navegador,, , razão por que havia de ir consultar uma fonte mais antiga que êle mesmo, para nela se basear e sôbre ela escrever.

Estudemos acuradamente o passado e lá iremos encontrar uma fonte mais afastada do que a de Barros e que sem dúvida alguma é a que êle consultou, como facilmente se conclui do texto.

Essa fonte é a de Duarte Pacheco Pereira, homem célebre naquela época e que servindo com grande coragem e valor o seu rei, na India, voltou em 1506 à pátria, cheio de desgostos, cansado de trabalhos e desiludido da gratidão régia.

Foi no ano do seu regresso que êle escreveu um volume intitulado "Esmeraldo de Situ Orbis", o qual ficou em manuscrito até ao ano de 1892, sendo publicado então em Lisboa sob a direcção do snr. Rafael Eduardo de Azevedo Basto, com o mesmo título, em edição comemorativa da descoberta da América por Cristóvão Colombo, no seu 4.º Centenário.

Ora foi esta fonte anterior a Barros que êste consultou e onde encontrou a menção do mestre cosmógrafo chamado a Portugal por D. Henrique.

Esta fonte já tem pela sua antiguidade e pureza mais valor do que a de Barros; não se julgue, porém, que acredito ainda que foi esta a fonte mãe, a primitiva. Não, quanto a mim não o foi e mesmo era impossível sê-lo, visto o seu autor pertencer a uma geração já não contemporânea e até um pouco afastada da do Infante.

Duarte Pacheco Pereira nascido no segundo quartel do século xv, não só era um navegador afamadíssimo e audacioso, mas também filho de célebres lóbos do mar

que se notabilizaram nas primeiras aventuras náuticas que nós empreendemos na costa africana.

Este, certamente, quando criança é que ouviu dos velhos marinheiros daquela éra e até talvez dos que acompanharam o Infante as quase fabulosas façanhas praticadas nos mares do sul de Portugal pelos nossos primeiros navegadores.

Quanto mais nos aproximamos da nascente, mais límpida água colhemos . . .

Abramos agora o "Esmeraldo de Situ Orbis", em pag. 58 e leiamos o que o velho marinheiro, pobre, doente e desprezado daquele por quem tantíssimas vezes expuzera a vida, escreve:

"O Infante mandou à ilha de Maiorca
"por um mestre Jácome, mestre de cartas
"de marear, na qual ilha primeiramente se
"fizeram as ditas cartas, e com muitas
"dádivas e mercês o houve nestes Reinos,
"o qual as ensinou a fazer àqueles de que
"os que em nosso tempo vivem aprende-
"ram,,.

Como se vê, cada vez nos vamos aproximando mais da nascente pura e cristalina, mas, notemos, quanto mais nos aproximamos dela, mais nos afastamos da lenda.

Ninguém fa'la na fantástica Escola, nem êste valente contemporâneo dos, então, mais velhos contemporâneos do Infante Navegador.

É assim que se faz a história. Escavando nas ruínas de Faitos encontramos os tres palácios que marcam as fases da civilização cretense; do mesmo modo se opera na crítica-histórica, escavando, escavando sempre e incessantemente até tocar nos alicerces do monumento.

Continuemos em as nossas investigações; até agora temos retrocedido conhecendo o terreno de perto, palmo a palmo, seguindo sempre uma linha recta, evitando os caminhos tortuosos e obscuros e deixando-nos guiar só pela luz refulgente da verdade.

Será a fonte de Duarte Pacheco a última encontrada na ordem da nossa investi-

gação retrospectiva e a primeira na ordem dos tempos?

Sem dúvida que a podemos já tomar como um testemunho auricular, proferido ou pela bôca dos velhos marinheiros que conheceram pessoalmente e falaram com alguns companheiros do Infante ou então proferido pelos filhos daqueles.

Seja como fôr, é um testemunho auricular e como tal digno da máxima atenção e crédito.

Já satisfaz absolutamente.

Mas não encontraremos, continuando em o nosso trabalho de investigação, mais do que isto?

Não encontramos quem nos servisse de testemunha ocular?

Segundo a minha opinião encontramos.

Azurara no Cap. 1.º da sua "Crónica," declara-nos que a conquista da Guiné foi relatada de muitos modos, por vários escritores e que el-rei D. Afonso 5.º, vendo tal diversidade de descrições o encarregou de apresentar uma crónica, na qual só se dissesse a verdade. Porém, nós não conhe-

ceamos essas variadas descrições de que Azurara nos fala; são com certeza documentos já perdidos.

Ora o cronista, para compilar o seu trabalho, serviu-se de uma antiga crónica que teve por autor Afonso Cerveira e que actualmente não se encontra por ter sido perdida ou inutilizada. Tais perdas eram vulgares.

Já João de Barros lamentava o desaparecimento da "Crónica do descobrimento e conquista da Guiné,, da qual êle declara que só pôde obter "alguns papeis rotos,,. Enquanto a mim foi a "Crónica,, de Afonso Cerveira a fonte primitiva donde partiu a menção do mestre maiorquino chamado para Portugal pelo Infante.

Representa, pois, Afonso Cerveira a testemunha ocular que vivendo no tempo do Infante e sendo um entusiasta pela missão de D. Henrique, abrir novos horizontes, melhor do que ninguêem relatou no seu escrito, que hoje jaz não se sabe onde, as façanhas do seu tempo.

Foi aí que Duarte Pacheco foi colhêr informações, dando-as por sua vez, muitos

anos depois a João de Barros, a quem todos falsamente atribuem a primeira menção do nome de mestre Jacques (ou Jácome) da Maiorca, que foi o que deu origem a toda a lenda.

Mas, poderemos nós, por acaso, da vinda dêste homem ao nosso país concluir para a existência da Escola?

De modo nenhum!

Se a Escola tivesse existido, Afonso Cerveira, Duarte Pacheco e João de Barros, as fontes até agora consultadas, teriam, certamente ao falar do maiorquino, feito referências à Escola Náutica fundada pelo Infante e dirigida por aquele; mas nada disto sucede.

O nosso trabalho de investigação ainda não está terminado; de minúcia em minúcia viemos retrocedendo nos tempos e chegamos até ao Infante.

Se a Escola existiu, o que está já demonstrado ser falso, certamente deveria ter merecido todos os cuidados, todas as simpatias daquele que a fundou: o Infante.

Os tempos foram passando e o "Na-

vegador,, envelheceu; aquele braço, que em África praticára verdadeiras temeridades, pendia agora ao pêso dos annos; aquele cérebro, que tão arrojadas concepções meditára, estava fraco e só pedia descanso; aqueles olhos habituados a descobrir na última orla do horizonte as alvas velas que demandavam as costas do Sul sentiam-se fechar e já mal enxergavam.

A morte com todo o seu fúnebre cortejo aproximava-se.

É então que o Infante faz o seu testamento, o qual nós conhecemos por ter sido publicado pelo Marquês Souza Holstein no "Arquivo dos Açores,, e depois de muitas e várias disposições, depois de manifestar a sua veneração por uma capelinha dedicada à Virgem Maria, que êle tinha mandado construir na Vila do Infante, pouza a pena, cerra os olhos e exala o último suspiro, sem ter uma só lembrança, uma só palavra de affecto para com essa instituição que lhe attribuem, para com a sua Academia, onde querem que êle vivera aprendendo e morrera ensinando.

Como explicar esta falta? Como desvendar êste mistério?

A sombra negra do silêncio acompanha a par e passo a Escola; já nas crônicas, já nos contemporâneos, já no seu testamento, já na sua morte. Esquecer-se-ia êle da sua obra? Impossível!

É justamente quando a negra parca adeja sôbre a nossa cabeça que nós recordamos mais do que nunca aquilo que nos é mais querido, aquilo de que nos é mais doloroso o apartamentô.

Como admitir, pois, que o Infante exarasse no testamento legados e doações a favor da pequenina ermida por êle erigida em louvor à Virgem e se esquecesse da sua obra primacial, do seu observatório, da sua Escola, dos seus professores, dos seus discípulos e de tudo aquilo de que êle seria profundamente fanático.

É que a Escola nunca existiu.

Robertson e os seus campatriotas com as "Histórias das Viagens," criaram-a falsamente e mais tarde Lampilas ampliou essa lendária criação.

Mas não julguem que o espírito imaginativo à cerca da Academia parou em Lampilas: não.

“Abyssus abyssum invocat,” diz a Escri-tura e a experiência quotidiana comprava-o.

A balela estava lançada; agora é questão de a saber aumentar, retocar e encasqui-lhar; o leão também cobriu o burro na floresta com verdejantes ramos para com a sua voz atemorizar as feras...

Lampilas tem sucessores e um melhor era que os não tivesse.

Pasqual, escritor espanhol, numa obra intitulada “descubrimiento de la aguja nau-tica,” impressa em 1879, em Madrid, a pag. 82 escreve:

“É essa Escola (a de Sagres) e princi-palmente ao seu director matemático maiorquino, que se devem os descubi-mentos da India oriental e ocidental.”

Eis como a lenda se avoluma e muda de direcção.

Pasqual implicitamente afirma que se

não fosse o seu patricio Jácome, os portugueses não se teriam lançado no caminho das descobertas; é para se ver como desde Robertson até aqui a ideia da existência da Escola se foi radicando e alargando; a principio fala-se só da Escola, depois já se lhe dá um director, aponta-se-lhe o nome e agora é a êsse que o espanhol Pasqual atribui todas as iniciativas, todas as causas que nos levaram a abrir "os mares nunca dantes navegados,,.

Mas a lenda continúia desenvolvendo-se; não fica por aqui.

Vejamos:

Lelewel na sua obra denominada "Géographie du moyen âge,, no tomo 2.º a pag. 82, vai mais longe do que nenhum dos já mencionados criadores da Academia. Não sei se uma ingenuidade ridícula ou uma falta de probidade histórica condenável leva tais auctores a levantarem montanhas de espuma.

Lelewel, como ia dizendo, vai mais longe do que os que o antecederam na lenda, pois, não explico com que fundamento—certamente com nenhum—precisa a data

da fundação da Academia Náutica de Sagres em — 1415!

É o cúmulo da falsa investigação histórica!

Nós não temos um único documento que nos demonstre que a Escola existiu, mas Lelewel tem mais que isso... tem a data da sua fundação!!!

É para lamentar que nos não desse também o dia da sua abertura...

É assombroso como se faz a história, sem consciência nem escrúpulos; é assim que as mentiras se vão radicando profundamente e quando aparece algum espírito recto e independente que pretende lançar ao fogo essas ervas daninhas, vê em frente de si uma multidão, de punhos cerrados e olhos injectados, gritando que se conserve o que já existia, o que as gerações passadas respeitaram sempre e que tais inovações só levarão à anarquia histórica e talvez ao aniquilamento...

Por isso, mais uma vez pergunto: “com tal educação, com tal povo, como progredir, como dominar?”

O espírito crenteiro aceita tudo sem crítica, sem balanço e depois admirem-se que ainda hoje haja quem acredite em bruxas e quem se deixe levar pelo "conto do vigário,,. Isto são coisas pequeninas, mas muito sintomáticas e que definem bem a educação do povo.

O cristianismo, em épocas passadas, deu um relativo impulso de progresso à sociedade, mas não tanto quanto se julga. Êle era a religião da fraqueza, da indolência, da passividade. O Cristo ensinou: "quando vos ferirem na face direita, apresentai a esquerda,, e êste foi o pior dos seus ensinamentos.

Bem sei que ensinou a obediência cega, mas roubou o espírito de independência, crítico e racional, de cuja falta ainda hoje muitos enfermam.

É assombroso aquele preceito, posto em confronto com o modo como o deus cristão puniu Adão e Eva e toda a humanidade! Aconselha o perdão aos outros mas êle, o onnipotente, o omnisciente, o sumamente misericordioso, é inexorável!!!

O melhor preceito é o exemplo . . .

Mas isto nada importa ao nosso caso.

*

*

*

Chegamos, retrocedendo sempre, à época do Infante e até aqui não encontramos uma única pessoa que nos falasse da Escola; continuemos às nossas indagações, pois há ainda mais que analisar.

Do tempo do Infante Navegador existem três fontes importantes e dignas da maior fé; são elas as de Gomes Eanes de Azurara, Diogo Gomes e Cadamôsto. Todos êstes se ocuparam do Infante e da sua obra e para nós representam elementos de primeira ordem, pois foram "contemporâneos," de D. Henrique.

São verdadeiras testemunhas oculares que descrevem e narram o que viram e por isso já muito superiores a algumas das que atrás apresentamos e que eram fontes de segunda ordem, pois o que escreveram foi lido ou ouvido daqueles que tinham convivido com os contemporâneos do Infante;

testemunhas dêste quilate devem dizer a última palavra sôbre o assunto e se a Escola existiu, com certeza que êles não se deixariam de referir a essa glória nacional. Abramos

Gomes Eanes de Azurara

no cap. 5.º da sua obra e lá leremos :

“ ... que o Infante D. Henrique mandou construir uma vila no cabo de S. Vicente, àcêrca da qual é impossível dizer muito pois que na época em que esta crónica é escrita, ela só tem os muros e um pequeno número de casinhas. Todavia trabalha-se lá sem cessar. É opinião corrente que o Infante quiere fazer uma Vila especialmente destinada ao comércio, onde os barcos passando do oriente para o occidente possam aproar, meter provisões e pilotos, como em Cádiz, cujo pôrto é muito inferior àquele. Por isso os genoveses que não empreendem nada sem espírito de lucro, ofereceram por esta Vila

“um alto preço, quando se começou a construir. Teem-lhe dado diferentes nomes, “mas o seu nome verdadeiro é, segundo “a intenção do seu fundador, o de “Vila “do Infante,, pois é assim que a nomeia “nas suas conversas e escritos.,”

Eis aqui o que o cronista contemporâneo do Infante diz. Como vêem, àcerca da Escola nem uma só palavra.

Poder-me-hão dizer que a Escola foi fundada após o cronista ter escrito a sua obra e que por tal razão não podia, por modo algum, falar nela. Concedo.

Mas se Azurara não falou na Academia por essa razão, ainda temos a consultar Diogo Gomes e Cadamosto os quais escreveram depois de Azurara ter terminado a sua crónica.

Diogo Gomes

Êste não fala da “Vila do Infante,, a não ser a propósito da sua morte, mas isto sem acrescentar a mínima observação.

Schmeller cita essa passagem de Diogo Gomes, assim :

“D. Infans infirmatur in Villa quadam
“sua, quæ est in Cabo Sancti Vicenti de
“quo mortuus est XIII die Novembris anno
“prædicto in una quinta feria.,”

Êste auctor que, como o seguinte e o antecedente, foi amigo pessoal do Infante, também nada nos diz com respeito à Escola.

Cadamôsto

também não vem quebrar o silêncio dos antecedentes àcêrca da Escola de Sagres.

Diz-nos :

“... que tendo partido de Veneza para
“Flandres, em 8 de Agôsto de 1454, foi
“lançado pelos ventos contrários para o
“Cabo S. Vicente. O Senhor Infante D.
“Henrique morava, por acaso, não longe
“deste logar, numa vila visinha, chamada
“Raposeira,, onde ele permanecia de muito

“boa-vontade, pois estava afastado do tumulto do mundo e em logar apropriado às suas meditações e estudos.”

Aqui temos tudo o que se pode encontrar em fontes contemporâneas do Infante. A nuvem que encobria a Escola continúa persistindo e cada vez mais negra, mais carregada. Nenhum vento galerno a pode desviar.

Continuemos, pois, negando firme e convictamente a existência da Escola. Todavia ainda temos mais alguma coisa a consultar. Percorramos as fontes diplomáticas e talvez lá encontremos alguma passagem que demonstre o contrário da nossa tese.

Sagres, onde querem que existisse a Academia, aparece pela primeira vez numa antiga carta de 19 de Setembro de 1460. O Marquês de Souza Holstein apresenta-nos um extracto dela e não uma cópia textual, o que na presente ocasião seria muito apreciável e do mais alto valor.

Diz o Marquês:

“O Infante declara que o que o deter-
“minou a fundar esta Vila foi o grande nú-
“mero de navios que abordavam lá para se
“refazerem e a falta de recursos que lá ha-
“via. Esta Vila não estava situada mesmo
“no cabo S. Vicente, mas numa outra
“ponta que fica deante do Cabo de Sagres,
“aos que vem do ocidente para irem para o
“oriente, ponta chamada “Terça-Nabal,,
“à qual o Infante deu o nome de Vila do
“Infante,,.

Eis o que esta fonte diplomática afirma.
Como já acima disse, concordo que o Mar-
quês fez um extracto e não uma cópia in-
tegral, mas quem é capaz de admitir que
se lá se fizesse menção da famigerada
Academia o Marquês não falasse dela
também?

Embora o Marquês não fosse minucioso,
um detalhe de tal ordem de modo algum
lhe escaparia.

Temos já esgotado todas as fontes an-
tigas e, como se vê, não se encontra uma
só alusão à Escola Náutica de Sagres.

Não posso furtar-me ao desejo de transcrever aqui algumas páginas duma obra intitulada "Une excursion au cap Saint-Vincent et au cap Sagres,, de que é autor Mr. Germon de Lavigne, membro da Sociedade de Geografia de Paris.

A obra a que me refiro data de 1886 e, sem duvida, é interessante por dois motivos: primeiramente porque é um estudo de investigação topográfica dos locais mais falados nesta obra, e em segundo lugar, porque sendo o autor um espírito crítico moderno deixa-se levar pela falsa tradição e fala-nos da Escola e até do logar em que ela existiu, sem nos dar uma única prova, sem nos apresentar um único documento.

É um sectarista da Academia, como os outros que o precederam.

Vejamos o que ele escreve no seu livro, pag. 591 a pag. 595:

"A Lagos, on loue une voiture. En "route, on déjeune au joli village de Figueira avec des provisions emportées "pour deux jours. "C'est Dieu qui dresse la

“table, dit une maxime du pays; elle est
“toujours garnie par les voyageurs,,. Du
“pain de Lagos, du thon séché au soleil
“et coupé en copeaux, des sardines à
“l’huile, des conserves de mortadelle, du
“vin de Portimão, de l’eau excellente, du
“café de châtaigne et de l’eau-de-vie d’ar-
“bousier.

“Il faut trois heures pour atteindre la
“villa do Bispo, le dernier centre habité du
“Portugal.

“On quitte la voiture à villa do Bispo ;
“on la renvoie à Lagos; elle reviendra le
“lendemain. On fait chercher des montures,
“des ânes, un vieux cheval et l’on s’engage
“lentement à travers un plateau sauvage,
“une steppe semée de pointes de rochers,
“de sables apportés pour les bourrasques
“des mauvais jours, de plantes sauvages à
“verdure persistante: l’alecrim, le toumiso,
“la steva, le lentisque, l’estero.

“Il faut deux heures et demie pour tra-
“verser ce désert par des sentiers à peine
“tracés.

“La Providence a heureusement fait

“surgir çà et là quelques fontaines limpides ;
“les hommes qui portent les paniers s’y
“abreuvent et s’inquiètent très peu des
“montures, fort résignées aux privations
“qui les attendent.

“On aperçoit enfin, à droite, au delà
“d’une partie de steppe qui se nomme la
“*tapada de dom Henrique*, et tout au bord
“des rochers verticaux qui forment la baie,
“les grands murs en ruines d’une forteresse
“du xv.^e siècle : Beliche.

“Un peu plus loin, on rencontre une
“citerne alimentée par les infiltrations des
“eaux pluviales, puis, à 200 mètres, et à
“la pointe du cap, le groupe d’un vieux
“couvent d’Hieronymites, d’une époque
“postérieure à celle de l’illustre infant. Sur
“cette place, dom Henrique, l’un des fils
“de João 1.^{er}, fondateur de la dynastie
“d’Avis, avait établi, dans la première moi-
“tié du xv.^e siècle, un observatoire astrono-
“mique ; en même temps que dans l’enclos
“absolument disparu, *la tapada*, il s’était
“fait construire une habitation qu’il a peu
“quittée pendant sa laborieuse existence,

“et dont il ne reste non plus aucune
“trace.

“On retrouve du couvent la salle à man-
“ger avec quelques vestiges de fresques ;
“la cuisine, encore noire de fumée après
“quatre siècles ; la chapelle, avec un pan-
“neau de faïences blanches à bouquets de
“fleurs et un crucifiement avec les saintes
“femmes ; le cloître, formé de sept arcades
“sur chaque côté, avec un puits au milieu
“du patio, et des pièces habitées par le
“personnel de la garde du vieux monu-
“ment.

“Une tour, au sommet de laquelle l’in-
“fant avait établi son observatoire, a été
“transformée en phare. La lanterne renferme
“seize lampes Argand, qu’un mécanisme
“primitif fait tourner lentement, produi-
“sant une succession constante de feux
“d’éclipses. Ce phare est à 54 mètres au
“dessus de la basse mer ; il porte à 16 mil-
“les au large. Il est question de le rempla-
“cer par un foyer électrique.

“Cette extrémité sud-occidentale de
“l’Europe est formée par deux promontoires

“de roches granitiques, d’une élévation à
“peu près constante de 25 à 30 brasses,
“décrivant de l’un à l’autre une courbe semi-
“circulaire, échancrée de petites criques à
“pic, où la mer des gros temps déferle
“bruyamment. La corde d’une pointe à
“l’autre mesure 7 kilomètres. Saint-Vincent
“est la plus occidentale ; Sagres, un peu plus
“au sud, est à peu près sur le 37.^e parallèle.

“L’aspect caractéristique du cap Saint-
“Vincent est une masse rocheuse, blanche
“au regard du midi, noire et verdâtre du
“côté des brumes du nord-ouest, détachée
“du promontoire par un espace de 20
“mètres environ, où passe le flot et où pas-
“sent aussi quelquefois, par bravade, dans
“les temps calmes, de petits vapeurs, entre
“ces deux murs à pic, qui descendent à 20
“mètres de profondeur. Cette aiguille énor-
“me, ce témoin de la côte primitive, a la
“forme d’un poing dressé, à l’index arrondi
“et saillant.

“L’infant dom Henri avait installé au
“cap Sagres, en vue de son observatoire
“et de sa demeure du cap Saint-Vincent, un

“établissement d’abord destiné au ravitail-
“lement et à la surveillance de Ceuta, et
“plus tard, il y institua une école nautique.

“A l’est du promontoire et à l’abri de
“ces murailles naturelles de calcaire grani-
“tique s’arrondit, dans un recoin, une char-
“mante plage sablonneuse. Il existait là un
“petit havre d’où le prince, avide de décou-
“vertes, lançait ses hardis capitaines et
“leurs caravelles vers le sud inconnu que
“les marins d’Europe appelaient alors *el mar*
“*oscuro*.

“On va du cap Saint-Vincent au petit
“hameau qui précède la pointe de Sagres en
“suivant la grande courbe du fond de la
“baie. Il faut une heure à dos d’âne, et l’on
“passe la nuit, un peu au hasard, dans
“l’une des habitations de ce hameau. Le
“lendemain, on visite l’ancienne école de
“Sagres.

“C’est une grande bâtisse précédée d’un
“ouvrage fortifié qui barre le plateau à 2
“kilomètres en avant de la pointe. Ce bâti-
“ment est occupé par un petit poste d’in-
“fanterie détaché de la garnison de Lagos.

“ Ces deux kilomètres sont incultes, sau-
“ vages ou do moins encombrés d’une aussi
“ triste végétation que celle qu’on rencontre
“ aux approches du phare Saint-Vincent.
“ Ici, au cap, s’élèvent, à 40 mètres, un
“ grand mat sémaphorique et un édifice
“ servant de bureau télégraphique, de la ter-
“ rasse du sémaphore, on voit passer, pour
“ ranger le cap Saint-Vincent, tous les navi-
“ res allant au sud ouest, aux archipels, à
“ la côte d’Afrique, à la Méditerranée ou
“ en venant. Ils échangent des signaux, ils
“ se font connaître et saluent le pavillon
“ portugais.

“ On en compte quarante à cinquante
“ par journée moyenne ; le télégraphe infor-
“ me aussitôt Lisbonne de leur passage.

“ Il est de tradition qu’il n’existe aucune
“ trace de l’habitation que l’infant dom
“ Henri s’était construite auprès du cap
“ Saint-Vincent. Dans l’enceinte du monas-
“ tère rien ne l’indique ; mais à 200 mètres
“ avant d’y arriver, voici ce que j’ai re-
“ marqué :

“ Fort préoccupé du mauvais état des

“sentiers, peu confiant dans la solidité de
“ma monture, je regardais plus attentivement
“le sol que le paysage. Sur une pointe, à
“50 mètres peut-être de la citerne que j’ai
“signalée, je reconnus que le chemin s’élar-
“gissait ; il y avait quelque régularité ; la vé-
“gétation l’avait moins envahi ; le sol était
“garni d’un petit pavage évidemment ins-
“tallé de main d’homme.

“Mon attention, plus éveillée, remarqua
“des lignes tracées en pierres équarries for-
“mant des croix, des diagonales et enca-
“drant d’autres pierres moins choisies.

“Je descendis, j’appelai mes compagnons
“de route. Ils étaient venus souvent au
“cap ; jamais ils n’avaient remarqué ce que
“je venais de signaler. Cela ressemble au
“pavage d’une galerie, d’un *patio*, d’un
“vestibule.

“Dans les ronces, sous les alécrims et
“les stevas, qui croissent épaisses des deux
“côtés, nous n’avons pu reconnaître aucun
“vestige de constructions. Ils nous eût
“fallu des outils solides pour fouiller ce
“terrain affermi par plusieurs siècles.

“J'en aviseraï notre sœur la Société de
“Géographie de Lisbonne; il lui appartient
“d'organiser des recherches; mais dans
“tous les cas, s'il y a une découverte, si elle
“peut être utile pour les projects de monu-
“ment qui préoccupent nos collègues de la
“capitale portugaise, je n'en tiens pas moins
“à apporter à la Société de Géographie de
“Paris l'honneur de cette indication.”

O que aí fica transcrito é, indubitável-
mente, um trabalho escrupuloso de inves-
titação e estudo topográfico, aliando à
minúcia uma belíssima descrição. Assim o
leitor foi seguindo o incansável francês na
sua viagem e foi analisando todos os deta-
lhes e recantos do terreno.

Dentro dêste ponto de vista não se
pode contraditar Mr. Germon de Lavigne
nem a sua obra.

Mas poderemos nós, de alguma coisa
do que se leu, concluir para a existência da
Escola?

Nunca!

Mr. de Lavigne, levado pela corrente do

tempo e apoiado nos autores seus contemporâneos e antecessores, afirma *gratuitamente* que a Escola foi um facto, mas não explica as razões que o levaram a afirmar isso; não apresenta uma prova, não se funda num único documento.

Quando, referindo-se a Sagres, ele escreve “il y institua une école nautique,„ não nos demonstra essa instituição, nem mesmo o podia fazer.

Então, o escritor — viajante que foi tão minucioso em analisar os mais pequeninos restos, que encontrou tantas coisas a que se referir, não encontrou uma única pedra, um só alicerce, um pequeno nada que lhe garantisse que em tempos idos, quando os portugueses eram olhados com entusiasmo por todos os outros povos, ali existiu uma Escola Náutica que deu leis à navegação e adestrou os arrojados descobridores marítimos?

Não encontrou uma única lápide que atestasse às gerações que foi ali o ninho dessas águias, que, fitando o sol, atravessaram os mares?

Não! infelizmente nada encontrara que demonstrasse a existência da Academia, nem tão pouco que memorasse o nome do Infante.

A pátria desde os fins do reinado do "rei Venturoso," tem dormitado e esqueceu no sono o sentimento da gratidão.

O Gama morre esquecido e desprezado; Camões entregou os últimos dias da sua vida aos cuidados de um pobre negro; o Marquês foi para Oeiras procurar em a natureza a recompensa que a fanática rainha não lhe soube dar e Herculano, interrompendo a sua gloriosa carreira, preferiu ir para Val-de-Lobos tratar das suas oliveiras, do que conviver em Lisboa com os "pais da pátria,"...

É que a gratidão tem sido o apanágio dêste bom povo . . .

Pois, se para com muitos tal esquecimento é indigno, para com o Infante D. Henrique é aviltante!

Êle, o temerário cavaleiro que em terras de Africa, fazendo o seu baptismo de sangue, assombrou os que nas guerras

tinham um nome já feito; êle, o soldado ousadíssimo que nas páginas da história conta feitos quási lendários; êle, o audacioso navegante a quem devemos todos os nossos descobrimentos marítimos, pelo modo com que nos lançou na busca do ignoto; êle, o mártir que chorou amaras lágrimas na sua velhice em saudade do Infante Santo, êle não tem no local onde passou a sua vida trabalhando pela Pátria, procurando alargar-lhe os limites e torná-la a rainha dos oceanos, uma simples lápide que lembre o seu nome glorioso!

A pátria, para com a qual êle fôra tão generoso, foi-lhe ridiculamente mesquinha!

A Sociedade de Geografia de Lisboa, no ano de 1882, apresentou o feliz projecto de levantar no Cabo S. Vicente uma estátua ao Infante D. Henrique. Custa a acreditar que tão altruista ideia fosse combatida mas, é duro dizê-lo, foi-o.

Fez-se então absoluto silêncio sôbre a homenagem a prestar ao "Navegador,"; em 1894 é levantado um novo brado de protesto contra o esquecimento a que a

Sociedade votára o ínclito Infante e então a ideia é recebida de braços abertos.

Mas todas essas boas intenções ficaram... no Boletim da Sociedade, do ano 1894, 13.^a série, pag. 111 a 126...

É lamentável tal falta!

*

*

*

O fim dêste estudo aproxima--se. Depois das investigações históricas e documentos apresentados não deve restar a menor dúvida de que a Escola Náutica de Sagres é do domínio da lenda e nunca da história seria e conscienciosa.

Do que aí fica exposto vê-se que do nome de Jácome (Jaime ou Jacques) de Maiorca é que alguns se serviam para sôbre êle fundarem a lendária Escola. Que o maiorquino veio até ao nosso país não resta a mínima dúvida.

Qual foi então a sua missão?

Di-lo claramente Duarte Pacheco Pereira, no "Esmeraldo de Situ Orbis," :

“O Infante mandou á ilha de Maiorca
“por um mestre Jácome, mestre de cartas
“de marear, na qual ilha se fizeram as ditas
“cartas e com muitas dádivas e mercês o
“houve nestes Reinos, o qual as ensinou
“a fazer áqueles de que os que em nosso
“tempo vivem, aprenderam.,,

Eis o fim para que o Infante o trouxe ;
portanto o seu papel foi o de cartógrafo.

E mesmo dêste homem nada mais co-
nhecemos.

Porêm, até hoje, entre os portulanos e
cartas primitivas que restam das muitas que
infelizmente se perderam, não se encontra
uma única firmada pelo nome do mestre
maiorquino.

Que a velha cartografia se desenvolveu
e aperfeçoou, relativamente, com elementos
portugueses isso é incontestável e para
demonstração disto bastará dizer que o
Atlas manuscrito composto em Veneza em
1489, representando a costa ocidental afri-
cana, o qual eu vi ainda há poucos menses,
guardado como uma veneranda relíquia,

no "British Museum,, em Londres, é feito sob dados puramente portuguezes.

Não exageremos, contudo, o valor dos nossos trabalhos cartográficos a ponto de, como muitos, attribuirmos ao Infante D. Henrique a origem do quadriculamento das cartas com meridianos e paralelos.

Ao Infante tudo se attribuiu; uma Escola Náutica, a primeira do mundo; invenções admiráveis de aparelhos e utensilios náuticos; aperfeiçoamentos extraordinários nas cartas de marear, etc... etc.

Parece que a lenda conjurou ocultar a verdadeira e inconfundível figura de D. Henrique...

Wauwermans no seu livro intitulado "Histoire de l'école cartographique belge et anversoise,, attribui ao Infante invenções verdadeiramente extraordinárias e até anacrônicas. Vejamos:

"Arrivé à l'âge mûr, le prince Henri
"avait conservé les habitudes studieuses de
"sa jeunesse; il suivait attentivement tous
"les progrès scientifiques de son temps et

“fonda, notamment avec son neveu le roi
“Alphonse v, la célèbre bibliothèque de
“Lisbonne.

“Les travaux des cosmographes alle-
“mands devaient attirer son attention,
“comme moyen de rectification pour les
“observations journalières du *point* déter-
“miné par l’observation du *rumb* de vent
“et de la *distance* parcourue, méthodes dont
“on avait reconnu l’insuffisance et l’imper-
“fection.

“Il introduisit dans la marine l’usage de
“*l’astrolabe* et la coutume de déterminer
“chaque jour la *latitude* par l’observation
“de la hauteur des astres; afin de rectifier
“la position du point à l’aide de cette obser-
“vation, il prescrivit de quadriller les cartes
“au moyen de *parallèles* et de *méridiens*,
“également espacés.

“Une sorte d’intuition mal définie l’a-
“mena aussi à substituer aux cartes plates
“une *carte à développement cylindrique*,
“analogue à celle préconisée dans l’anti-
“quité par Eratosthène, méthode à laquelle
“on donne souvent son nom.,

Nesta descrição todos veem ressaltar a inexactidão, o anacronismo, a falsidade.

Não é necessário ser um profundo e erúdito conhecedor da especialidade para notar logo à primeira vista que todas, absolutamente todas, as afirmações de Wauwermans são inexactas.

Era assim que cada vez mais se ia anuviando e encobrendo com a lenda o vulto grandioso do propulsor dos descobrimentos portugueses.

Urgia de qualquer modo combater e lançar por terra a ousadia daqueles que por ignorância, leviandade ou falso patriotismo, pretenderam obscurecer a história e a própria ciência.

Era inadiável dar o golpe de misericórdia nessa lenda que se ia arreigando, dia a dia, geração a geração e dizer e demonstrar claramente que o Infante foi uma glória nacional, mas sem o ataviar com falsos europeus, sem o incensar com fementidas lisonjas.

E é a nós, patriotas e nacionais, que essa missão compete, por dever.

Ravenstein já diz que a Escola pertence à lenda, mas não o demonstra. O seu silêncio é egoista...

Derrube-se um monumento, mas primeiramente apresentem-se os erros de construção e depois, só depois, é que devemos descarregar o camartelo e miná-lo com dinamite.

A lenda tem de baquear!

Nesta época de crítica, em que todos lutam por descobrir a verdade, êste gesto de revolta deve ser visto com respeito.

¿Reconstituindo a história, criticando-a e limpando-a dos erros e da mentira, deprime-se em alguma coisa o nome dêsse génio nacional, dêsse vidente que entusiasmou os nossos marinheiros a afrontar sempre, sempre, os grossos vagalhões da costa africana para além do Bojador, que a lenda e o espírito medieval consideraram inultrapassáveis e povoados de monstros sinistros e horrendos?

¿Combatendo a lendária Escola deixará o estudioso Infante de ser o gérmen fecun-

dador, a alma-mater, da nossa Iliada e Odissêa, que se desenrolaram aos olhos do mundo estupefacto, desde os seus tempos até ao reinado do rei Venturoso?

¿Derrubando esse êrro em alguma coisa perigará a honra ou a glória de D. Henrique, o cavaleiro que desde o Pôrto a Ceuta e desde Ceuta ao Algarve, durante toda a sua longa existência, só deu mostras de um valor, de uma constância e dum patriotismo sem iguais?

Não!

Por isso, narremos aos nossos filhos os feitos audazes do Príncipe Henrique, por mar e por terra; descrevamos-lhes que êle era como o anjo da morte no fragor da batalha e como o génio de Deus no terror da procela; acendamos e despertemos em os nossos netos o sentimento de puro patriotismo, contando-lhes as façanhas do filho do rei D. João, propondo-o para exemplo; mas quando em noites de luar, com êles sentados nos joelhos, lhes mostrarmos os astros pelos quais o Infante e os seus lobos do mar se guiavam através desse

oceano imenso repitamos-lhes a sua história e concluamo-la dizendo :

A Escola Náutica de Sagres

nunca existiu.

Concluindo

DURANTE os anos de 1912 e 1913 permaneci, como aluno do 4.º ano da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Pensionista da República Portuguesa, no estrangeiro, viajando e demorando-me muito principalmente na Europa Central.

Depois dos meus estudos concluidos na Alemanha, passei à Inglaterra onde frequentei a Universidade de Oxford. Por terras inglesas me detive alguns meses e,

alfim, para terminar os meus trabalhos, visitei a Holanda, a Bélgica e a França.

Foi nesta ocasião que tive a melhor das oportunidades assistindo na Rial Academia Belga, a uma interessante conferência, em que a obra do nosso "Infante Navegador," foi tomada para tema.

No meu espírito de meridional tal assunto produziu a mais profunda impressão e, por um caso de patriotismo, resolvi-me a estudar tanto quanto possível a excelsa figura do Infante.

Voltando à pátria continuei essa missão.

Li, rebusquei, investiguei e compilei.

Tendo de apresentar à minha Faculdade uma tese pedagógica, fui forçado a pôr êste trabalho de parte, por algum tempo.

Eis a razão por que só agora êle vem a lume.

Escrevendo-o tive em vista expurgar a nossa história de mais uma lenda e dár à publicidade uma obra de vulgarisação que pudesse servir de incitamento aos especialistas que mais e melhor do que eu, sôbre o assunto poderão dizer.

Para quem tem as suas cadeiras para reger e os seus estudos da especialidade para aprofundar, êste trabalho deve representar um esforço de algum valôr e um gesto de bôa-vontade.

Como tal é que eu pretendo que êle seja tomado.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

BRIEF

DPB

0020485

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 13 11 13 002 6